ISTOÉ
TRÊS
AS MAQUINAÇÕES DE BOLSONARO NA RECEITA
Para tentar receber joias retidas na alfândega, o **ex-presidente pressionou o Fisco em ao menos oito ocasiões** e demitiu servidores que barravam a liberação da carga milionária para uso pessoal. O escândalo mostra como ele seguidamente interferiu no órgão para seus interesses familiares, inclusive escondendo os notórios casos das rachadinhas e **transformando-o em arma política,** ao violar sigilos fiscais para perseguir adversários

RICARDO GALVÃO

Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

"SEM PRESERVAR A AMAZÔNIA, EM DEZ ANOS ELA DESAPARECERÁ"

Por Denise Mirás

O cientista Ricardo Galvão está apreensivo com a dimensão das mudanças climáticas provocadas pelo homem e que colocam o planeta em risco cada vez maior. Ele entende que o mundo precisa diminuir fortemente a emissão de gás carbônico e incrementar o desenvolvimento sustentável, sobretudo na Amazônia. "Se isso for feito, estaremos no céu, mas se nada fizermos, dentro de cinco ou dez anos as nossas florestas desaparecerão e aí estaremos no inferno", assegura. Físico que foi apontado pela revista Nature como um dos dez cientistas mais importantes do mundo em 2019, pode exibir em seu currículo, com muito orgulho, que foi exonerado por Jair Bolsonaro do comando do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), sob alegação de que os dados sobre o desmatamento da Amazônia eram mentirosos – quando, ao contrário, mostravam a realidade e revelavam a aceleração de crimes ambientais na região. Agora, aos 75 anos, o professor aposentado da USP volta a ocupar um cargo de importância para o futuro do País: o de presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Ele quer garantir que a produção acadêmica alcance a sociedade, ultrapassando o chamado "Vale da Morte", que, para ele, seria uma espécie de fosso criado entre a produção científica das universidades e o mercado consumidor.

DISTÂNCIA
"Precisamos atravessar o 'Vale da Morte', um fosso entre a universidade e o consumidor", diz Ricardo Galvão

Como o senhor vê o mundo daqui a uma década em termos de aquecimento global?

Com preocupação. Estaremos entre o céu e o inferno. Se tomarmos medidas corretas com relação ao meio ambiente, será o céu. Para isso, precisamos diminuir fortemente a emissão de gás carbônico no mundo e tratar do desenvolvimento sustentável. É isso que precisamos ter em mente em relação à Amazônia. No Brasil, com o apoio da ciência e do conhecimento tecnológico, o governo precisa articular com os vários setores, incluindo parcerias com empresas, para alcançarmos um desenvolvimento sustentável. Se tomarmos esse rumo, nosso futuro será brilhante.

> "Lula irá à China no final do mês e a construção conjunta de mais um novo satélite de observação estará em pauta"

E se não tomarmos as medidas corretas para o meio ambiente?

Se não fizermos o que é preciso, aí será o inferno. Se não tomarmos medidas duras diante das mudanças climáticas que estamos vendo, dentro de um período de cinco ou dez anos, vamos atingir o ponto de não-retorno na Amazônia, como já disse o professor Carlos Nobre. As florestas desaparecerão, com a região sendo transformada em savana. Estamos em uma bifurcação e dependemos de políticas públicas e ações compatíveis com a sustentabilidade, para ver por qual caminho vamos seguir, se vamos para o céu ou para o inferno.

Como integrante da comissão de transição, o senhor já tinha ideia do trabalho gigantesco que será necessário para a retomada científica no País?

Ao contrário do MCTI, permeado por uma mentalidade militarista e, assim, oposta aos caminhos da ciência, não preciso me preocupar com relação ao pessoal no CNPq, que estava sendo bem conduzido, e também porque nossos profissionais são altamente especializados. Com relação ao orçamento, os recursos vinham caindo de 2014 a 2021, quando baixou para R$ 540 milhões, cinco vezes menos do que os R$ 2,77 bilhões de 2013. Teve apenas uma pequena recuperação, em 2022, mas por ações da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC). Com o governo Lula agora, o grupo de trabalho de Ciência e Tecnologia chegou a um acordo para obtermos um aumento emergencial por meio da PEC de Transição. Teremos R$ 400 milhões para bolsas e R$ 150 milhões para investimentos. E somente assim conseguimos alcançar um orçamento de R$ 1,911 bilhão para este ano.

Ainda que a PEC da transição tenha permitido esse aumento emergencial, o senhor destaca a importância da participação de parcerias privadas, no campo de pesquisas e inovações?

Sim, é preciso esse apoio a pesquisas e bolsistas, porque geram produtos que vão para a sociedade. Esse é um problema sério no Brasil. As empresas no geral não investem em pesquisas, em desenvolvimento, quando seria preciso haver essa mão dupla. O CNPq tenta incentivar as parcerias com programas como o chamado Doutor na Indústria, para colocar pós-graduandos trabalhando em empresas do setor. O mais recente é o MAI/DAI, de Mestrado e Doutorado Acadêmico para Inovação. Precisamos dessa aproximação, de mestrandos com as indústrias.

Então, seu objetivo será alcançar uma "coligação" entre governo, academia e empresas privadas?

Exatamente. Só assim conseguiremos avançar, atravessar o que se chama de 'Vale da Morte', espaço que fica entre o que se produz na universidade e o que as pessoas compram no mercado. Esse processo, no Brasil, ainda tem falhas. É preciso a colaboração e a articulação entre a academia e as empresas, para que protótipos superem o nível de laboratório e ultrapassem barreiras, até se tornarem produtos comercializáveis no comércio.

E quais os pilares que o senhor pretende colocar o CNPq, para que a ciência renasça e a tecnologia ganhe fôlego no País?

Tenho a minha opinião pessoal, mas o trabalho será o reflexo conjunto do trabalho da diretoria executiva composta por quatro membros que ainda serão nomeados. E também é preciso um acordo sobre a política a ser adotada no CNPq, que passará por um conselho deliberativo onde está, por exemplo, a Academia Brasileira de Ciências.

Mas o senhor já tem propostas para reerguer o setor tecnológico?

Sim. E a primeira delas é aumentar substancialmente o montante dos nossos recursos em investimentos, para que tenhamos mais projetos de pesquisa e com valores mais altos. Hoje, no CNPq, 90% do valor total do orçamento vai para bolsas e somente 10% para investimentos e novos labo- **>>**

FOTOS: AGÊNCIA CAPTA; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

ratórios. De toda forma, é um processo lento e por isso precisamos ter paciência. A segunda proposta é aumentar fortemente a quantidade de bolsas de pesquisas para jovens doutores se aprimorarem nas universidades e fixá-los no País. Nossa estimativa é de que temos 20 mil doutores formados no Brasil, que não têm emprego na indústria ou no governo. Porque já se passaram dez anos sem concursos. E também queremos atrair brasileiros que hoje estão no Exterior.

Atrair pesquisadores estrangeiros também?

Sim. Porque vemos que são parte importante nos países que estão em desenvolvimento. Dando sequencia às propostas para a reativação do setor, a terceira ideia é termos mais bolsas para estagiários no exterior, com cursos para pós-doutorado. Hoje, temos 700 alunos por ano, o que é muito pouco.

Existe algo também com relação ao acesso a essas bolsas?

Em nossa quarta proposta, estamos estudando as questões de igualdade de gênero e a racial. Com relação a gênero, estamos razoavelmente bem. As mulheres já têm a fatia de 70% em bolsas de mestrado e doutorado, mas ainda estão nos 30% em relação às mais avançadas, de pesquisa e produtividade. Historicamente, as mulheres estão ganhando mais protagonismo na ciência, produzindo mais e espero que se tornem ainda mais assertivas. Não se pode dizer o mesmo quanto à igualdade racial e isso acontece por causa de um problema muito sério: nós não temos dados correspondentes. O item não era obrigatório em cadastros e, assim, por enquanto, não conseguimos formular políticas nesse sentido. Mas estamos caminhando cada vez mais para ações afirmativas.

Recentemente, o CNPq recebeu visitas de comissões da Embaixada da China, em busca de parcerias. Neste caso, o Brasil parece se encontrar em uma saia justa, pois é tão parceiro comercial dos chineses como dos EUA. A ciência consegue passar ao largo dessas barreiras político-econômicas?

O Brasil tem um programa de colaboração científica de 30 anos com a China para construção de satélites de observação da Terra. O CBERS-4 (sigla traduzida do inglês para Satélites Sino-Brasileiros de Recursos Terrestres) monitora principalmente a Amazônia e agora também está sendo utilizado para imagens do Cerrado e do Pantanal. O governo anterior não fez nada com relação ao programa. Quando fui demitido do Inpe em 2019, havia um projeto de construir mais um satélite, que foi congelado. O presidente Lula irá à China agora no fim de março e o assunto deve estar em pauta. Entre EUA e China, o presidente tem habilidade para tratar com os dois países. Tem maturidade para fazer acordos que beneficiem o Brasil, tanto com a China como com os EUA.

O senhor se mostra atuante nas redes sociais, um fenômeno que também foi possível pelo avanço da tecnologia, campo que faz parte do escopo do CNPq. Apesar de rasas, o senhor considera as redes como importantes ferramentas de trabalho?

Você disse bem: são rasas e despertam ainda mais ansiedade na sociedade de hoje, com respostas muito rápidas e nada complexas. No caso das ciências, precisamos justamente de profundidade. As redes sociais funcionam, ou deveriam funcionar, como auxiliares. Fazem com que as pessoas adquiram uma falsa segurança a respeito da tecnologia. Mas, com a learning machine, a aprendizagem por máquina, estamos conseguindo aplicações importantes, como nos diagnósticos médicos.

Hoje a Inteligência Artificial é capaz de produzir respostas e produzir artigos inteiros sobre todos os assuntos, como é o caso do ChatGPT. Como o CNPq vê esse universo virtual?

A IA tem seus aspectos positivos e negativos. E, para chegarmos aos programas, precisamos de bases de dados e técnicos para fazer esses levantamentos. É preciso grandes investimentos em Tecnologia da Informação (TI). O CNPq ainda não conta com os recursos necessários nesse segmento.

> "Em 2021, o orçamento do CNPq baixou para R$ 540 milhões, e este ano, graças à PEC de Transição, teremos R$ 1,9 bilhão"

Para trabalhar com ciência, é preciso imaginação e criatividade. O senhor, que é cientista, pode fazer um exercício do que nos espera no futuro?

Os avanços incomodam. No fim do século 19, um físico não via mais nada a se fazer em matéria de ciência, depois da adoção do Kelvin (unidade básica internacional para a escala da temperatura termodinâmica). Mas acabaram ocorrendo novas descobertas na mecânica quântica e na genética, com resultados altamente positivos. Estamos em uma fase de transição, da computação quântica, por exemplo, que ainda não sabemos no que vai dar. Só precisamos estar atentos para não desviarmos nossas atenções. ■

FOTO: ISTOCK PHOTO

Carlos José Marques, *diretor editorial*

LIÇÕES DA MUAMBA DE BOLSONARO

Trazem demonstrações cabais do "modus operandi" da família Bolsonaro a mais nova tramoia em que o clã esteve metido de contrabando ilegal de joias, na forma de presentes de um sheik árabe, no valor de mais de R$ 16,5 milhões – sem contar os demais mimos –, vai se saber a troco de quê. O carregamento da muamba, e assim deve ser tratada a mercadoria pela clara tentativa de sonegação de impostos e informações necessárias à Receita, entrando disfarçadamente dentro de um cavalo de metais preciosos (não confundir com o de madeira de Tróia), configura um padrão de comportamento habitual, via esquemas sempre mal explicados, que acompanha toda a atuação dos Bolsonaro na sua já barulhenta trajetória de poder. Jair Messias, o patriarca, os rebentos e agregados se acostumaram a fazer usufruto do Estado, como se fosse ali o seu quintal de traquinagens, abusando ao bel prazer de regalias do cargo do então mandatário para tratar de interesses pessoais, pecuniários ou não, costumeiramente na busca de vantagens nada republicanas. É de um horror sem fim a quantidade de cambalachos, embustes e falcatruas que o clã mostra-se metido e que vão sendo descobertos dia a dia, desde as antológicas "rachadinhas", que tomam de cima a baixo a árvore genealógica, passando por casos de prevaricação, pagamento à religiosos aliados na forma de lingotes de ouro, conspirações milicianas e outras manobras marotas inomináveis, em uma coletânea de crimes mais do que suficiente para colocar a todos eles na cadeia. Por enquanto, vão escapando. Por pouco. No caso em questão, chega a assombrar a quantidade de intromissões e tentativas de manipulação dos procedimentos da Receita Federal por parte do então presidente da República, com o objetivo de reaver para si a milionária carga de muamba. Até na véspera de sua partida como fujão rumo aos EUA, nos últimos dias no cargo, ele buscou reaver o "presente". Foram ao menos oito tentativas, por meio dos mais diversos ministérios e por intermédio de autoridades constituídas. Bolsonaro chegou a destituir um funcionário da Receita que estava barrando sua carteirada e colocou no lugar um auditor que fez o possível e o impossível para atender à demanda do padrinho – sendo depois agraciado com um cargo em Paris pelos serviços prestados. É de chocar a desfaçatez de um mandatário que não mede esforços para se locupletar no poder. A frenética mobilização bolsonarista com o objetivo de recuperar os diamantes ainda está coberta por um manto de mistério, sem contar as ilegalidades evidentes. A pergunta a ser respondida agora é o por quê da benevolência árabe para com a trupe do presidente que, de quebra, foi agraciada também com relógios das marcas Hublot e Cartier, no valor de R$ 200 mil cada, canetas caríssimas e outros agrados. Como bem disse o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ninguém ganha mais de R$ 16 milhões em prendas a troco de nada. É sabido que no meio das tratativas está a venda de uma refinaria brasileira, localizada na Bahia, para o fundo financeiro de Abu Dhabi Mubadala Capital, nos Emirados Árabes, ao custo (vejam só!) da metade do preço de mercado que valia à época da transação. Os "mimos" configurariam assim um claro objeto de corrupção. Investigação nesse sentido está em andamento pela Polícia Federal. Com a perda da aura de imunidade que a cadeira do Planalto lhe proporcionava, Jair Bolsonaro vem, finalmente, experimentando as agruras de ter os malfeitos desvendados sem qualquer freio. E, pelo visto, eles são muitos. Seguidores, adoradores fanáticos da seita, teimam em ignorar, em não acreditar, apesar das evidências, mas o derretimento político de seu líder parece irreversível e sairá como barato a mera cassação dos direitos eleitorais do "mito". Não há como o capitão passar ileso com tudo isso na Justiça. A ideologia cega dos aliados e bajuladores que o cercam não possui forças ou disposição para reverter um processo de escândalos sistemáticos que têm colocado por terra a imagem – vendida de maneira fraudulenta, naturalmente – de um impoluto cidadão outrora perseguido injustamente. Bolsonaro é o retrato hoje de uma gestão corrompida até o último fio do cabelo. Não será preciso sequer elencar as demais barbeiragens em que esteve metido, nas mais diferentes áreas, para condená-lo cabalmente. A muamba das jóias e as articulações para garantir a sua posse situam-se naquele padrão de delitos cujas provas figuram como "batom na cueca". Risíveis as tentativas de explicação. O enredo ganha vulto e mais capítulos comprometedores a cada passo das investigações, deixando por terra o sonho da dupla Bolsonaro e Michelle de voltarem ao comando do Planalto. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Sumário

Nº 2771 - 15 de março de 2023
ISTOE.COM.BR

34

COMPORTAMENTO O preconceito estrutural que distancia política e socialmente o Sul do Norte e Nordeste do País, como demonstrado pelo vereador Sandro Fantinel (foto)

INTERNACIONAL Após um período de letargia, a China surpreende o mundo com forte aceleração da economia e previsão de bons resultados para 2023

CULTURA Acusados de politicamente incorretos, livros que se tornaram filmes antológicos como os de Ian Fleming (foto) serão reescritos

CAPA O escândalo das joias sauditas deixa claro como o ex-presidente Jair Bolsonaro usava o governo para interesses particulares

FOTO CAPA: UESLEI MARCELINO/REUTERS
FOTOS EDITORIAIS: ANDRE BORGES/NURPHOTO/AFP; REPRODUÇÃO; LIANG ZIDONG/XINHUA/AFP; AHMET BARAN/AP PHOTO

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ

ANIELLE FRANCO, NOSSA IRMÃ

A revista norte-americana Time, uma das mais conceituadas do planeta, já elegeu doze mulheres de 2023. Dentre elas está a brasileira Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial. A sua irmã, Marielle Franco, foi assassinada a tiros, quando era vereadora no Rio de Janeiro, junto com o motorista Anderson Gomes. O caso ganhou repercussão internacional, até porque não há dúvida de que se trata de crime político. Aconteceu em 2018, até hoje os mandantes continuam intocáveis - existe a promessa do ministro da Justiça, Flávio Dino, feita ao pisar o seu gabinete no primeiro dia de gestão, de que agora a execução será completamente elucidada. A conferir.

Eis um trecho do perfil de Anielle publicado pela Time: "a ministra da Igualdade Racial do Brasil nunca planejou entrar na política. (...) A trágica história familiar, a personalidade calorosa e o uso hábil das mídias sociais transformaram Anielle (...) em uma líder improvável no movimento pelo direito dos negros no Brasil".

A explicação de Time é irretorquível. A escolha de Anielle pela revista é uma valorosa e justa homenagem a todas as brasileiras pobres, a todas as brasileiras vítimas de preconceitos, a todas as brasileiras que sofrem com a violência masculina — violência masculina que não cessa de mostrar a sua cara de herdeira de nossa formação histórica patriarcal. Ao selecionar Anielle, a publicação dos EUA valorizou a luta de Marielle pela isonomia e democracia racial, e a luta da mulher em geral que, cotidianamente, toca o trem da sobrevivência para frente, no anonimato e na solidão de quem foi preterida pela sorte em um País que, embora mais plural, persiste em ser essencialmente não inclusivo — e no qual o homem se conserva prevalente nas mais diversas áreas de atividade.

Anielle, educadora como profissão, é a lídima tradução da democracia em seus diferenciados aspectos no recém-iniciado governo de Lula. Ela representa, ainda, as comunidades LGBTQIA+ e a socialmente esquecida população das regiões periféricas. Retornando, aqui, ao campo da política, mede-se no Brasil a condição feminina em um dos Poderes Republicanos, o Legislativo: a presença da mulher no Congresso Nacional está abaixo da média mundial, e isso em plena segunda década do século XXI. É muito longo e penoso o caminho que o País terá de trilhar para dar justiça social e condições de igualdade às mulheres em todos os campos de atuação. A ministra Anielle Franco é vital para que tal objetivo seja alcançado. Dixit: "tem sido um trabalho incansável, feito com muito afeto e amorosidade, para manter viva a memória de Mari". Para nós, brasileiras e brasileiros, com a presença de Anielle, Marielle estará sempre conosco. E que o ministro Flávio Dino descubra, como prometeu em sua posse, os autores intelectuais do covarde assassinato de Marielle.

DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA

O estado cultural de uma nação não se mede somente pelo número de bibliotecas e teatros erigidos, mas sim pela concepção dos seus líderes acerca da importância da defesa da diversidade como fator primordial de desenvolvimento. Nessa perspectiva, a escolha de Margareth Menezes pelo presidente Lula para representar e gerir a cultura brasileira é um retrato vivo dessa ideia, um daguerreótipo que revela a esperança de todos aqueles que amam e produzem cultura no Brasil. A diversidade é, sem sombra de dúvidas, a maior riqueza da sociedade brasileira, e deve ser valorizada e respeitada em todas as suas expressões. Jamais deve ser ocultada ou minimizada. Essa riqueza imensurável enriquece a nossa cultura, faz parte da nossa identidade nacional e é imprescindível para promover a inclusão social e combater a discriminação e o preconceito. Porém, para que ela seja valorizada e respeitada em todas as suas manifestações, urge a necessidade de políticas públicas que assegurem a igualdade de oportunidades e o acesso à cultura para todos os segmentos sociais.

O desafio político agora é promover a igualdade de oportunidades para todos os estratos sociais

por José Manuel Diogo

Escritor

É imprescindível promover eventos culturais que celebrem a diversidade, criar programas que incentivem a produção cultural de grupos marginalizados historicamente e implementar políticas de inclusão nas áreas de educação, saúde e trabalho. Além disso, é preciso fomentar as manifestações da cultura popular tradicional, uma vez que a ausência de políticas culturais nos últimos anos deixou as margens quase secas, enfraquecendo o próprio rio da cultura. A diversidade deve ser respeitada cotidianamente, por meio do diálogo, da compreensão e do respeito às diferenças. O combate à discriminação e ao preconceito em todas as suas formas deve ser uma batalha incessante, valorizando a diversidade como fator de enriquecimento e fortalecimento da sociedade brasileira. Contudo, é imperativo que se compreenda que há um todo do qual todos fazem parte.

Ao reconhecer a importância da diversidade, os políticos podem adotar políticas públicas mais inclusivas, promovendo a igualdade de oportunidades e o acesso à cultura para todos os estratos sociais. Todavia, é preciso salientar que a crença na diversidade como fator de desenvolvimento não é suficiente por si só. É necessário que essas políticas sejam efetivamente colocadas em prática, de forma capilar e eficaz, para que se possa criar uma nova era para a cultura no Brasil, mais inclusiva, respeitosa e representativa de todas as suas facetas. Somente assim será possível valorizar a diversidade, reconhecendo que cada indivíduo é único e importante, e que juntos, formamos uma sociedade mais justa, inclusiva e enriquecedora.

por Ricardo Kertzman

Colunista, autor em Opinião Sem Medo

DO TOSTÃO AO MILHÃO

Segundo uma fonte altamente confiável (o Dr. Google), buraco negro é uma região do espaço-tempo em que o campo gravitacional é tão intenso que nada – nenhuma partícula ou radiação eletromagnética como a luz – pode escapar. Já segundo as cenas reais de Brasília, o clã Bolsonaro é uma família de políticos em que a ambição por dinheiro é tão intensa que nada – nenhuma rachadinha ou mansão milionária – pode escapar. Os Bolsonaros perseguem do tostão ao milhão com a mesma voracidade, haja vista as geladeiras vazias deixadas no Palácio da Alvorada, ou mesmo cada centavo recolhido no espelho d'água da residência oficial. Sim, é sério. A turma não apenas levou cada fatia de queijo prato como as moedinhas atiradas pelos visitantes. Sem falar que a adega ficou mais vazia que meu tanque de gasolina após a reoneração dos impostos.

A mais nova investida bolsonarista contra os cofres públicos, em nome de Jesus, é claro, se deu sob a forma da tentativa de importação ilegal de joias – contrabando, para os mais pobres. Muambeiros de luxo, o casal Jair e Micheque, ops!, Michelle usou como "mula" um servidor federal, mocando em sua mochila um estojo entupido de diamantes e joias de marcas famosas. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos e Chopard no pulso. Ao voltar para o País após viagem oficial à Arábia Saudita, a delegação brasileira trouxe na bagagem um presente do governo árabe, portanto, um bem do Estado, livre de impostos de importação. Contudo, o "mito" e sua esposa resolveram apropriar-se do presente, alegando ser um mimo à primeira-dama. Ato contínuo, deveriam declarar as joias à Receita Federal e recolher os impostos devidos. Mas não seriam quem são se assim procedessem.

Bens confiscados, restou aos patriotas as carteiradas do tipo: "sabem com quem estão falando?". Para o azar dos "cidadãos de bem", verdadeiros cidadãos de bem, lotados na Receita Federal, rechaçaram todas as tentativas

A mais nova investida bolsonarista contra os cofres públicos, em nome de Jesus, é claro, se deu sob a forma da tentativa de importação ilegal de joias. Em outras palavras, contrabando

bolsonaristas de retomada à força de um patrimônio brasileiro – dessa vez não foi a nossa democracia, mas um presente de uma nação estrangeira, ou bens confiscados após tentativa de importação ilegal. Quando o fujão retornar ao Brasil, terá de negociar com seus advogados a inclusão de mais um enrosco judicial nos honorários. Se bem que, conforme já anunciado pelo Partido Liberal, o butim será espetado nos trouxas aqui. Eles brigam por cada tostão. Nós pagamos cada milhão.

por Fernando Lavieri

Frases

"Estou namorando, mas não direi o nome dela"

ROBERTO CARLOS, cantor e compositor

"Inteligência artificial que escreve sozinha é como papagaio"

PATTIE MAES, acadêmica norte-americana, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos EUA

"O NOSSO GRANDE DESAFIO É FAZER COM QUE OS GOVERNOS COMPREENDAM A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NACIONAL"

MARCO LUCCHESI, presidente da Biblioteca Nacional

"Ao mesmo tempo em que o público ri de minhas piadas, quero induzi-lo a pensar e questionar os erros na sociedade"

LÍVIA LA GATTO, atriz e humorista

FOTOS: ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP; REPRODUÇÃO; TÁRCIO TEIXEIRA/FOLHAPRESS; GERALD MATZKA/DPA PICTURE-ALLIANCE/AFP

“Sei que esse é o trabalho de vocês, mas mantenham-se em seu espaço. Permitam que Bruce possa ir do ponto A ao ponto B com segurança”

EMMA HEMING WILLIS, esposa do ator Bruce Willis, que é portador de demência, à imprensa norte-americana

“A ERA EM QUE A FRANÇA INTERFERIU NO CONTINENTE AFRICANO ACABOU”

EMMANUEL MACRON, presidente da França, em visita à África

“A LEI ROUANET FOI USADA NA PIOR GUERRA CONTRA A CULTURA JÁ DESFECHADA POR UM GOVERNO NO BRASIL”

RUY CASTRO, escritor e jornalista, ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras

“Quero fazer como os mestres do passado e construir um jazz autêntico”

SAMARA JOY, cantora norte-americana

“SENTI-ME PRESSIONADA E FIQUEI GRAVEMENTE DOENTE NAS DUAS VEZES EM GANHEI O OSCAR”

EMMA THOMPSON, atriz britânica

“A LIBERDADE DO POVO ESTÁ EM SUA CULTURA. POR ISSO GOSTO DE APROXIMAR A ORQUESTRA DA COMUNIDADE”

GUSTAVO DUDAMEL, maestro venezuelano

“ELE ERA MAIS QUE UM PARCEIRO MUSICAL. ERA COMO IRMÃO”

MILTON NASCIMENTO, compositor e cantor, a respeito de Wayne Shorter, saxofonista norte-americano, que morreu na semana passada

por Germano Oliveira

Colaborou: Marcos Strecker

Brasil Confidencial

PEGA FOGO A disputa pela prefeitura de SP está acirrada entre Nunes, Boulos e Tabata

A briga já começou

A menos de 20 meses das eleições municipais, a disputa pela prefeitura de São Paulo já se transformou numa guerra. E o primeiro a mobilizar seu exército para o embate é o prefeito **Ricardo Nunes** (MDB), que será candidato à reeleição. Além de intensificar obras que lhe dêem visibilidade eleitoral, Nunes agregou à sua pré-campanha o publicitário Duda Lima, ex-marqueteiro de Bolsonaro. Ele substitui Felipe Soutello, que fez a campanha de Bruno Covas em 2020, oportunidade em que o atual prefeito era o vice na chapa com o tucano. Desta vez, a briga de Nunes será contra o deputado **Guilherme Boulos** (PSOL), do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), e contra a deputada **Tabata Amaral** (PSB). Mas há também bolsonaristas na batalha, como Ricardo Salles e Eduardo Bolsonaro.

Apoio

Embora cedo demais, Nunes está tentando também consolidar uma coalização com 11 partidos para que venham a sustentar sua reeleição. Na semana passada, o prefeito, já com a presença do novo publicitário, fez uma reunião para debater a candidatura. Estavam presentes os presidentes de todas as siglas que podem apoiá-lo, como PL, PSD, Podemos e PP.

Oposição

De todos os que desafiam Nunes, Boulos é o que tem maior potencial para minar a reeleição. Ele terá apoio do PT, e Lula já se comprometeu a subir no seu palanque. Mas há outros candidatos que podem lhe tirar votos, como Tabata à esquerda, e o filho 03 de Bolsonaro à direita. Salles, por exemplo, não sabe nem se terá legenda para a disputa.

Vitória do bom senso

Após embate nos bastidores, o Conselho Deliberativo do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) resolveu manter Carlos Melles no cargo de presidente do órgão. A reunião do conselho, marcada a pedido de alas ligadas ao PT interessadas em destituir a atual direção eleita em novembro de 2022, acabou não ocorrendo na quarta-feira, 8, e Melles segue presidindo a instituição.

RÁPIDAS

* Ao manter Juscelino Filho no cargo, Lula preferiu preservar a base aliada no Congresso ao invés de garantir a moralidade do seu governo. Não fosse o União Brasil, partido do ministro das Comunicações, o governo não teria aprovado, por exemplo, a PEC da Transição.

*** Simone Tebet também critica a política de juros. Quer que o BC reduza a Selic já na próxima reunião, mas reconhece que a taxa só deve cair quando a Reforma Tributária for feita e o novo arcabouço fiscal, implantado.**

* Depois das rachadinhas e compras de imóveis com dinheiro vivo, agora Bolsonaro e sua mulher são suspeitos de ingressar ilegalmente no País com 3 milhões de euros (R$ 16,5 milhões) em joias da Arábia Saudita. Não se emendam.

*** O ministro do GSI, general Gonçalves Dias, pode ser o próximo a deixar o governo. Está insatisfeito. Disse que após transferir a Abin para a Casa Civil, Lula está esvaziando sua pasta:"Meu cargo está à disposição".**

FOTOS: KARIME XAVIER/FOLHAPRESS; IMON PLESTENJAK/UOL/FOLHAPRESS; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO; MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO; PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO; EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO; MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

RETRATO FALADO

"O BC só vai poder reduzir a Selic na reunião de novembro"

***Ana Paula Vescovi**, economista-chefe do Santander, disse ao Valor que se nada mudar, o BC não terá como reduzir as taxas de juros antes de novembro. Ela prevê que a inflação ficará em torno de 5,9% em 2023, pouco acima dos 5,8% do ano passado. "Não há desinflação esperada para este ano", diz a economista. Apesar do aperto fiscal, ela acredita que este ano o País crescerá 0,8%, bem abaixo dos 2,9% de 2022. O tombo não será maior porque a agropecuária crescerá 7% este ano.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

WEVERTON ROCHA (PDT-MA), SEGUNDO-SECRETÁRIO DO SENADO

Quando vai ocorrer a retomada das atividades das comissões mistas no Congresso?

Passado o carnaval, as duas Casas vão definir suas comissões e depois disso devem sentar para definir o funcionamento das comissões mistas.

Os governistas dizem que as comissões podem prejudicar o governo e atrasar a votação das MPs. O senhor concorda?

De modo algum. É importante lembrar que as comissões mistas pararam de funcionar com a pandemia, mas voltarão agora. A meta é evitar que as MPs cheguem ao Senado com o prazo estourado.

Como fica o caso das MPs editadas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro?

Essas comissões se aplicam a esta legislatura, que começou em 1º de fevereiro. Analisaremos as MPs editadas a partir de então.

O pibinho de 2023

As medidas eleitoreiras de Bolsonaro no ano passado fizeram com que o volume de empregos crescesse, o consumo aumentasse e a oferta de crédito bancário melhorasse. Resultado: o PIB subiu 2,9% em 2022, bem mais do que os 0,4% que se esperava no final de 2021. É certo que Paulo Guedes deixou um quadro difícil de ser administrado por Fernando Haddad. Em 2023, os economistas estimam que o PIB aumentará somente 0,9%, o que é quase uma estagnação. Será um pibinho. Mesmo assim, esse crescimento pífio ocorrerá por causa do bom desempenho da agropecuária, que terá um incremento razoável, e graças à China, que voltará a ter um PIB positivo na casa dos 6% ao ano.

Taxa de juros

Apesar de a taxa de juros brasileira ser a mais alta do mundo, o BC tem advertido que a Selic pode chegar ao final do ano nos mesmos 13,75% atuais. Com o PIB desacelerando, investimentos em queda e exportações menores, os empresários estimam a Selic em 12,75% (no final de 2022, falavam em 11,25%).

Os caras de pau

Liderada pelo senador **Rogério Marinho** e pela deputada Carla Zambelli, a oposição tenta jogar no colo de Lula a culpa pelos atos terroristas de 8 de janeiro, insinuando que o atual governo nada fez para impedir o quebra-quebra nas sedes dos Três Poderes, embora todos saibam que foram os bolsonaristas a comandar os ataques. Só querem tumultuar.

Agenda positiva

Os bolsonaristas sabem que em função de os presidentes da Câmara e do Senado terem se alinhado ao governo, é baixíssima a possibilidade de ocorrer a instalação de uma CPMI para investigar os atentados. Por isso, movimentam a extrema direita para esse debate em plenário no Congresso, com o objetivo claro de enfraquecer a agenda positiva de Lula.

O astronauta derrota Damares

Depois de ter ido à lua, o astronauta Marcos Pontes acaba de obter mais uma vitória. Conquistou a vaga de membro da Comissão Externa do Senado que vai à Terra Yanomami investigar a crise humanitária vivida por milhares de indígenas que habitam o isolado território em Roraima. A senadora Damares Alves, que pleiteava o cargo, foi vetada pelo movimento indigenista.

AVAL PARA "CHINA" ADULTERAR

A Secretaria de Fazenda do Estado de São Paulo tem muito a explicar ao cidadão que paga caro os impostos dos combustíveis. É notório que o posto de combustíveis Cupece teve 11 vezes as bombas retiradas por vender produtos adulterados. Fiscais retiravam a bomba, e o posto de forma ilegal retornava a vender. Por essa e por outras inúmeras operações realizadas pela Secretaria, Alan de Souza Yang, vulgo "China", acabou condenado pela Justiça. No caso do Posto Portelinha, foi condenado por adulteração de combustíveis. Mas a surpresa veio como um presente ao sentenciado, dado pelo próprio órgão público responsável pelas operações: Em dezembro de 2022, a empresa Vortex, a qual segundo o próprio diretor é dirigida por "China", foi autorizada pela Secretaria a formular e produzir gasolina. O falsificador de combustíveis foi autorizado a adulterar. Ninguém até agora - nem a Polícia, os juízes e o MP estadual, que conhecem a ficha corrida - entendeu a mágica do "China" para conseguir essa licença.

Conhecido adulterador de combustíveis de São Paulo, "China", com ficha corrida, teve licença da Secretaria de Fazenda para formular gasolina

Freio na farra dos resorts

Alertada após a publicação da Coluna sobre a farra dos resorts na turística Pirenópolis, a Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Goiás deflagrou grande operação em todo o Estado para fiscalizar empreendimentos que exploram turismo: atrativos como cachoeiras, novos (e grandes) hotéis e as obras dos anunciados timeshare (unidades compartilhadas por diferentes donos). A ordem do governador Ronaldo Caiado é dar freio na ganância sem controle que tem atropelado regras básicas de licenciamentos ambientais, de impacto de trânsito e debates públicos. A Operação Cucullus começou no último dia 27 e vai durar 2 meses.

Oposição em Lisboa

Houve entusiastas do convite no Governo português, pela amizade entre os dois, mas Marcelo Rebelo preferiu não oficializar parlatório para Lula da Silva discursar na data da Revolução dos Cravos, quando o brasileiro passará por lá em abril. O Partido Socialista sentiu uma crise vindoura ao dar holofote ao Barba, que lá tem também uma oposição.

CNJ vai pegar fogo com canetada alheia

Um escândalo no Judiciário paulista, ainda entre portas das Varas e bancas, já incendeia os corredores do Conselho Nacional de Justiça, em Brasília, e vai chegar à mesa do corregedor, ministro Luis Felipe Salomão. Trata-se da acusação de uma das partes de um milionário litígio empresarial, que aponta canetada alheia, assim digamos, na sentença de uma juíza que cuidou do caso. O texto teria as digitais da outra parte envolvida e há evidências de ligações da magistrada com advogados da causa. O documento já passou por uma perícia. Enquanto isso, o CNJ pega fogo com o caso do juiz carioca Marcelo Bretas.

FOTOS: CARLOS COSTA/AFP; REPRODUÇÃO; GABRIEL CRUZ

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

O quarteto parada dura da Câmara

Um quarteto bem votado se formou no plenário da Câmara e promete agir em bloco em oposição ferrenha ao Governo do PT. Os deputados Deltan Dallagnol (PODE-PR), Rosângela Moro (UB-SP), Kim Kataguiri (UB-SP) e Nikolas Ferreira (PL-MG) têm-se encontrado para discutir projetos, requerimentos e afinar discursos no plenário. Deltan se acerca quase sempre do deputado Nikolas, essa a dupla mais entrosada. Aliados do senador Sergio Moro (UB-PR), eles serão os votos e vozes na Câmara do ex-juiz na bandeira que levantou no Senado pelo projeto de combate à corrupção, com revisão do Código Penal.

Lula já decidiu o ministro do STF

Só uma tempestade política-judiciária muda a decisão do Barba. O substituto do ministro Ricardo Lewandowski no STF será o seu advogado Cristiano Zanin, que não solta um pio, obediente ao trato. Os outros que se digladiem. Lula é fiel a quem lhe é fiel, em especial nos piores momentos.

Revisão sai via Sedex

O presidente dos Correios, Fabiano Silva, vai rever atos do interino Heglehyschynton Marçal, que derrubou a Corregedoria, conforme revelamos, com vistas a se blindar pela atuação na gestão Bolsonaro. Ele assinou decisões sem observar ritos necessários, parte delas na Postal Saúde, a caixa de assistência médica-odonto dos servidores.

Construindo uma crise

O político brasileiro tem sina para fabricar problemas. O prefeito de São José do Rio Pardo (SP), Márcio Zanetti, tinha a opção de construir rotatória, ou um túnel, mas anunciou um elevado entre duas grandes avenidas da cidade. Comprou briga grande com moradores. No Rio, Eduardo Paes derrubou o que poluía e enfeiava o porto.

NOS BASTIDORES

PT quer Previ e Vale

Mal João Fukunaga foi confirmado na Previ, o seu padrinho PT já mira outro caixa bilionário do fundo de pensão: atua no conselho para emplacar o presidente da sócia Vale.

Ajudantes de ordem

O presidente Lula da Silva dispensou ajudante de ordens militar. Ele se ancora nos assessores da Casa Civil de Rui Costa – e fortalece o ministro – e na esposa Janja, que participa da sua agenda.

Um reforço na cerca

Fazendeiros de Brumadinho (MG) reclamam que a Vale quer pagar pouco pelas terras para criar seu parque verde. Um pede R$ 600 mil o hectare (a mineradora oferece quatro vezes menos). Outro, que tem 300 hectares, não negocia de jeito algum.

Onde sobram vagas

Um porquê do estímulo do Governo Lula III à retomada do ensino técnico como uma das prioridades: três redes de supermercados em Minas têm 6 mil vagas abertas e não conseguem candidatos qualificados.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

LIVROS

O erotismo como arte e a arte do erotismo

O POETA Monumento para Bocage, na cidade portuguesa de Setúbal: lídimo representante do Arcadismo

Está nas livrarias *Da erótica: muito além do obsceno*, uma excelente antologia da obra poética do português Manuel Barbosa Du Bocage (1765-1805), considerado um dos principais representantes do Arcadismo e precursor do Romantismo. **Bocage foi duramente perseguido pelo falso moralismo vigente em sua época**: intolerância cultural que chegou ao ponto de levá-lo à prisão em agosto de 1797. **Para quem já vinha sendo criticado pela Igreja Católica, a gota d'água a causar-lhe o encarceramento, sob a acusação de ser inimigo da religião e do Estado, foi o seu poema *Epístola a Marília***. Nele, o personagem criado por Bocage tenta seduzir uma mulher sem o menor compromisso de com ela se casar — tal comportamento era em seu tempo tipificado como amoral e criminoso, mesmo sendo a moça maior de idade. A antologia tem como organizador o professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro José Paulo Neto (Editora Boitempo).

Pioneiro do feminismo português

Bocage é considerado autor do primeiro manifesto feminista em Portugal, com o poema Epístolas de Olinda e Alzira. *A essência: duas amigas trocam cartas, nas quais contam, uma à outra, as suas aventuras sexuais. E criticam a "triste educação dada às mulheres" que pretende fazê-las esquecer a sexualidade.*

MUSEU

Homenagem à Inconfidência Mineira

Uma das principais obras no campo das artes plásticas, retratando a Inconfidência Mineira e seus participantes, é a tela *Jornada dos Mártires*, pintada por Antônio Parreiras, em 1928. Nela, vêem-se diversos revoltosos que se insurgiram contra o excessivo valor dos impostos decretado pela Coroa Portuguesa a caminho do Rio de Janeiro, onde foram julgados – todos já presos, inclusive Tiradentes, que seria condenado à morte. O quadro, uma raridade artística brasileira, está novamente exposto no Museu Mariano Procópio, na cidade mineira de Juiz de Fora, marcando a reabertura do segundo andar do sobrado, que passou por reforma. Parreiras nasceu no Rio de Janeiro, em 1860, e morreu também nesse estado, em 1937. Conseguiu se sustentar com seus quadros no mercado das artes entre os séculos XIX e XX.

RELÍQUIA *Jornada dos Mártires*: visitação pública no Mariano Procópio

FOTOS: ISTOCKPHOTO; REPRODUÇÃO; MUSEU MARIANO PROCÓPIO/JUIZ DE FORA

FÚRIA Durante uma semana manifestantes irredutíveis protestaram pelas ruas de Lyon: fogo e barreiras

GREVE

Os franceses emparedam Emmanuel Macron

O fato de a população francesa sair às ruas em protesto contra ações de governo é algo comum, sobretudo na capital Paris. E o ano de 2023 não foge a regra. O presidente Emmanuel Macron enfrenta o sexto movimento grevista contrário ao aumento da idade mínima para aposentadoria — de 62 para 64 anos. A mudança acaba de ser aprovada pelo Senado. As furiosas manifestações foram organizadas por diversos sindicatos e a adesão é significativa. Os números oficiais divergem dos apresentados pelas lideranças sindicais. Segundo a Confederação Geral do Trabalho (CGT), mais de 300 cidades aderiram e 3,5 milhões de pessoas se revezam nas vias públicas, 700 mil apenas em Paris — já o governo diz que foram pouco mais de um milhão. Segundo o Ministério da Educação, ao menos 30% dos profissionais do setor estão participando. O movimento definido como "tsunami social" tem apoio de todo o país, afirmou o comando grevista à imprensa local. A afirmação não pode ser considerada um exagero. Até a quinta-feira 9, suas consequências modificaram o cotidiano. Barricadas com labaredas impediram o fluxo normal de pedestres, escolas foram fechadas, houve diminuição de viagens de metrô e até o serviço elétrico foi prejudicado. Agora, os sindicatos ameaçam com greve geral.

DESTRUIÇÃO Emmanuel Macron (no detalhe) enfrenta uma greve atrás da outra em seu segundo governo: pontos turísticos depredados

FOTOS: LAURENT CIPRIANI/AP PHOTO; MUSTAFA YALCIN/ANADOLU AGENCY/AFP

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado e Thales de Menezes
REPORTAGEM: Ana Mosquera, Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Leticia Sena, Marina Miano Cardoso, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Diretora de Marketing e Projetos:** Isabel Povineli **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização: Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão: D'Arthy Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP

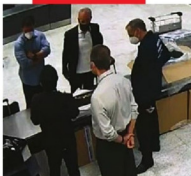
Joias milionárias que **Bolsonaro diz não ter pedido,** mas que seus auxiliares tentaram pelo menos **oito vezes reaver no Fisco** na base da carteirada e da intimidação, jogam luz sobre como **ele transformou a Receita em uma máquina de servir** a seus interesses, acobertar **suspeitas sobre a família e perseguir** seus adversários

Marcos Strecker e Pedro Marcondes

RECEITA APARELHADA

O escândalo das joias milionárias da Arábia Saudita não vinculou Jair Bolsonaro apenas aos crimes de peculato, descaminho e lavagem de dinheiro, pelos quais pode responder após as investigações que foram iniciadas na última semana. Serviu para deixar patente a intervenção que praticou durante quatro anos na Receita Federal. O ex-presidente enxergava a instituição de Estado como um órgão a serviço de benefícios particulares, com a atribuição de defender os interesses dele, de parentes e amigos, além de perseguir adversários políticos. Ele exigiu trocas em cargos estratégicos, abafou investigações contra aliados e familiares, como seu filho Flávio Bolsonaro, desmontou equipes de fiscalização de um porto fluminense controlado por milícias e contou com devassas em dados sigilosos para perseguir inimigos, a exemplo de Paulo Marinho e de Gustavo Bebianno.

FOTO: GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

ALTO LUXO Ministro Bento Albuquerque recebe na Arábia Saudita, em 2021, joias que seriam para a primeira-dama (abaixo) e para Bolsonaro (no estojo)

AMIGOS Julio Cesar Vieira Gomes presenteia Bolsonaro quando era secretário

Esse método truculento de intervenção ficou escancarado na tentativa de burlar o Fisco ao incorporar as joias avaliadas em R$ 16,5 milhões doadas pela monarquia da Arábia Saudita, supostamente a serem destinadas à ex-primeira-dama Michele. O estojo apreendido continha um colar, um relógio, um anel e um par de brincos da marca de alto luxo suíça Chopard. As peças, recebidas das mãos dos sauditas pelo então ministro das Minas e Energia Bento Albuquerque durante viagem oficial ao país em outubro de 2021, deveriam ser declaradas na sua entrada no aeroporto de Guarulhos seguindo um roteiro burocrático protocolar simples. Deveriam estar acompanhadas de um pedido de incorporação ao Departamento de Documentação Histórica do Gabinete Pessoal do Presidente da República, local onde ficam armazenados itens de valor recebidos por autoridades federais brasileiras. Seriam vistoriadas pelos fiscais e, em seguida, liberadas. Não haveria necessidade de pagamento de impostos, pois seriam consideradas isentas e guardadas no acervo da União junto com presentes recebidos por outros presidentes e primeiras-damas.

A comitiva de Bolsonaro, no entanto, tentou burlar as regras. Ao invés de apresentar a documentação necessária ou informar o que carregava, o então assessor do ministro Bento Albuquerque, Marcos André dos Santos Soeiro, tentou passar pelo setor de "nada a declarar" da alfândega com os milhões em joias dentro de uma mochila. Acabou parado pela fiscalização, e os bens carregados foram apreendidos. No mesmo dia, os fiscais já sofreram a primeira coação para liberar as joias. O ministro Bento Albuquerque entrou na área de fiscalização e pressionou os funcionários da Receita a liberar as peças com o argumento de que elas seriam destinadas à primeira-dama Michele. O fiscal responsável, no entanto, rejeitou a "carteirada" que o almirante tentou aplicar.

Desde então ocorreram pelos menos oito tentativas de reaver as joias. Diversos órgãos, como Itamaraty, o Gabinete de Documentação Histórica da Presidência da República e o Ministério de Minas e Energia entraram em contato com a fiscalização para a liberação. Segundo pessoas próximas ao caso ouvidas por ISTOÉ, todos os requerimentos eram genéricos e não explicitavam a incorporação das joias, em definitivo, para o Departamento de Documentação Histórica do Gabinete Pessoal do Presidente. Portanto, foram negados.

O personagem central dessa tentativa de intervenção é o chefe da Receita, Julio Cesar Vieira Gomes. Nos últimos dias de mandato de Bolsonaro, em uma espécie de desespero, foi montada uma ação para a liberação das joias. Um dia antes de Bolsonaro viajar para os EUA, um militar ligado ao gabinete da Presidência foi deslocado para Guarulhos, em um avião da FAB, para conversar pessoalmente

RETIDO Ministro Bento Albuquerque tenta liberar as joias no aeroporto de Guarulhos, em 26 de outubro de 2021

FOTO: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; EDU ANDRADE/RECEITA FEDERAL

com o fiscal responsável. Dizia falar em nome da Presidência. Foi enviado pelo tenente-coronel Mauro Cesar Barbosa Cid, o ajudante de ordens de Bolsonaro. Em diálogos captados pelo sistema de vídeo do aeroporto, o sargento da Marinha Jairo Moreira da Silva dizia que "isso aqui faz parte da passagem, não pode ter nada do antigo para o próximo. Tem que tirar tudo, tem que levar". Também afirmava que o assunto "é de urgência" e tentou passar o telefone para que o funcionário da Receita falasse com Mauro Cid. Ainda tentou mostrar no seu celular uma ordem emitida pelo "sr. Julio Cesar". O fiscal não cedeu, e o ardil fracassou.

ÁUDIOS E EMAILS

O próprio Vieira Gomes agiu pessoalmente várias vezes visando liberar as joias para o chefe. Pressionou servidores de vários departamentos por meio de mensagens de Whatsapp, gravou áudios, fez telefonemas e encaminhou e-mails, revelou "O Estado de S.Paulo". Conversou com Bolsonaro por telefone para tratar do assunto em dezembro. Tudo em vão. Questionado nos EUA sobre a tramoia, Bolsonaro saiu pela tangente: "Estou sendo crucificado por um presente que eu não recebi. Alguns jornais disseram que tentei trazer joias ilegais para o Brasil, não existe isso", declarou. Mas Bolsonaro não saiu com as mãos abanando. Se as joias milionárias endereçadas para Michele acabaram apreendidos, um outro conjunto de adereços da joalheria Chopard, avaliados em R$ 400 mil, passou ilegalmente pela fiscalização em Guarulhos com a comitiva do Ministério de Minas e Energia. Nesse estojo estava um relógio com pulseira de couro, um par de abotoaduras, um anel, uma caneta e um rosário islâmico. E não foram parar no acervo público, como deveriam. Os artigos se encontram em poder do próprio Bolsonaro, segundo protocolo de entrega no Palácio do Alvorada, com a observação de que o próprio ex-presidente o checou. "A simples existência desse segundo estojo demonstra a má-fé na tentativa de entrarem com o primeiro", analisa um fiscal próximo à apreensão. "Desde o começo, estava claro que eles não tinham objetivo de integrar aquelas peças ao acervo da União".

Ao confessar que incorporou o segundo estojo de joias, o ex-presidente confessou o crime de peculato, segundo o jurista Wálter Maierovitch. O código penal prevê até 12 anos de reclusão para quem se apropria de bem público na condição de funcionário público. Bolsonaro escalou para representá-lo no caso o advogado Frederick Wassef, notório por esconder o ex-PM Fabrício Queiroz quando este estava foragido no escândalo das rachadinhas. Wassef diz que tudo não passou de "mal entendido" e que "o presidente Bolsonaro agindo dentro da lei, declarou oficialmente os bens de caráter personalíssimo recebidos em viagens, não existindo qualquer irregularidade em suas condutas". Mas a lei citada por ele, de 1991 e regulamentada em 2002, e decisão do

CARTEIRADA O sargento Jairo da Silva tenta tirar as joias do aeroporto em 28/12/22

CASO DE TEVÊ

Estrela da série "Aeroporto - área restrita", do canal Discovery, o auditor-fiscal Mario de Marco Rodrigues de Souza atua como delegado-adjunto e substituto da Receita Federal no terminal de Guarulhos, maior aeroporto da América Latina. De Marco, como é conhecido, é um dos responsáveis pela equipe de agentes da alfândega que impediu a liberação das joias milionárias que seriam destinadas à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. A série de televisão mostra a rotina do trabalho dos servidores da Receita no controle aduaneiro. O setor de inteligência, comandado com o auxílio de De Marco, é responsável por monitorar os passageiros que estão embarcando ou desembarcando — e abordá-los caso haja suspeita de práticas criminosas, como o transporte de drogas ilícitas ou de produtos contrabandeados.

TCU de 2016 contradizem essa afirmação. Ministros do TCU avaliam pedir a devolução das joias em poder de Bolsonaro.

CARGO EM PARIS

A barafunda é ilustrativa dos métodos de Bolsonaro na Receita Federal. No apagar das luzes de seu mandato e já nos EUA, ele aproveitou para retribuir a ajuda de seus aliados dentro do órgão. Em atos formalizados pelo vice Hamilton Mourão, criou cargos especiais e tentou protegê-los das prováveis quedas com a mudança de governo. Logo após se empenhar em tentar liberar as joias de Michele, o próprio Vieira Gomes recebeu uma nomeação como adido da corporação na França, um posto até então inexistente. Já José de Assis Ferraz Neto, subsecretário-geral da Receita, foi escolhido para a recém-criada função de adido nos Emirados Árabes Unidos. Com a chegada de Lula, ambos não tomaram posse. Vivenciariam, sim, outra experiência: a de terem os nomes relacionados a um escândalo. Foram acusados pelo corregedor da Receita João José Tafner de tentarem convencê-lo a arquivar uma denúncia grave contra um servidor bolsonarista. Eles teriam pedido para Tafner colocar panos quentes nas sanções contra Ricardo Pereira Feitosa, ou seja, que minimizasse graves violações. Afinal, Ricardo Feitosa pôs a estrutura da Receita a serviço da inteligência bolsonarista. Em julho de 2019, acessou e armazenou informações de, ao menos, três desafetos declarados do clã Bolsonaro. Em uma clara tentativa de encontrar dados comprometedores, violou o sigilo de Gustavo Bebbiano, primeiro ministro a romper com Bolsonaro, do empresário Paulo Marinho, que também havia passado de aliado a desafeto do presidente, e do procurador de Justiça do Estado do Rio de Janeiro Eduardo Gussem, que comandava a denúncia das rachadinhas contra Flávio Bolsonaro.

As acusações de Tafner contra Vieira Gomes e José de Assis Ferraz Neto chamam atenção pela proximidade de todos com o bolsonarismo. A chegada de Tafner ao cargo de corregedor, no início de 2022, teria sido, inclusive, patrocinada pelo clã Bolsonaro, em especial por Flávio Bolsonaro. Na época, a família desejava ter no posto alguém ideologicamente alinhado em um claro recado aos demais integrantes da corporação sobre os riscos de dali para frente contrariarem interesses de parentes, amigos ou aliados de Bolsonaro. E Tafner apresentava os predicados para isso, participou de eventos da campanha de 2018 de Jair Bolsonaro e exibia fotos ao lado de membros da família, como o deputado federal Eduardo Bolsonaro. Na última semana, em meio a embates com o atual comando da Receita, Tafner pediu exoneração da Corregedoria embora tivesse mandato até 2025.

Resistir às determinações de Bolsonaro, fossem republicanas ou não, resultavam na perda de cargos de comando. O primeiro a sentir isso foi o então subsecretário-geral da Receita Federal, José Paulo Ramos Fachada Martins da Silva. Com a função de gerenciar o dia a dia do órgão, ele foi demitido em agosto de 2019. Seu "erro" teria sido o de supostamente não controlar a sanha de apuração dos servidores, que possuem autonomia e estabilidade justamente para tanto, e de dificultar trocas de postos internos baseadas em orientações

políticas. Na época, o governo demonstrava uma estranha obsessão: a de substituir o responsável pela alfândega do Porto de Itaguaí, no Rio de Janeiro. O local é notório por ser rota de tráfico de armas e drogas e ficar em uma área controlada por milícias.

Bolsonaro nem fazia questão de esconder publicamente sua revolta em ter parentes ou aliados fiscalizados e de enfrentar resistência em mexer na hierarquia da Receita. Poucos dias após o governo demitir José Paulo Ramos Fachada, o ex-presidente deu declarações exaltadas de que não "seria um banana" e mexeria sim na estrutura tanto da Receita como da Polícia Federal. "Houve uma explosão junto à mídia no Brasil, uma explosão. Está interferindo (na Receita e na Polícia Federal)? Ora, eu fui [eleito] presidente para interferir mesmo, se é isso que eles querem", afirmou. "A Receita Federal tem problemas. Faz um bom trabalho, mas tem problemas. E devemos resolver esses problemas trocando gente", complementou. Uma dessas "imperfeições" da Receita estaria em cobrar uma dívida de cerca de R$ 1,6 mil de um irmão de Bolsonaro.

Em setembro de 2019, por conflitos com a equipe econômica, caiu o primeiro chefe da Receita da gestão Bolsonaro. No lugar de Marcos Cintra, assumiu José Barroso Tostes Neto. Ele ficaria pouco mais de um ano no cargo e perderia prestígio ao protelar a nomeação de um nome escolhido por Flávio Bolsonaro para a corregedoria. Nesse tempo, sofreu pressões para agradar um segmento caro a Jair Bolsonaro. De novo mostrando priorizar seus interesses políticos e privados, o então presidente mais de uma vez cobrou que Tostes Neto solucionasse dívidas tributárias de igrejas evangélicas com o Fisco.

Foi durante a gestão de Tostes que a Receita enfrentou um dos episódios mais contraditórios. Atendendo a pedido dos advogados de Flávio Bolsonaro, cinco servidores foram mobilizados para procurar indícios e provas que colocassem em xeque as investigações das rachadinhas. Por quatro meses, segundo o jornal "Folha de S.Paulo", eles apuraram as suspeitas levantadas pelo próprio senador de que dados seus, da esposa e de suas firmas teriam sidos violados por servidores e enviados para o COAF, dando início às investigações do esquema de rachadinha na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Ao fim, os envolvidos concluíram não haver nenhuma irregularidade praticada na Receita.

Agora, num autoexílio conveniente para deixar de prestar contas de suas ações, Bolsonaro não consegue mais intervir no órgão. Servidores de carreira cumpriram sua função e mostraram a resiliência da instituição contra os desmandos. A Receita pretende apurar o descaminho praticado na entrada irregular de joias e soma esforços com a PF e o Ministério Público Federal, que já abriram procedimentos para averiguar as inúmeras irregularidades envolvendo os presentes enviados a Michele e Bolsonaro. Enquanto as autoridades investigam, a história das joias encurrala ainda mais o clã Bolsonaro. O ex-presidente foi aconselhado por aliados a ampliar sua estadia na Flórida e a ex-primeira-dama assistiu ao PL abortar uma série de viagens suas pelo Brasil. Pudera. As reluzentes joias milionárias jogaram luz nas práticas abjetas da gestão Bolsonaro. ■

FOTO: GABRIEL DE PAIVA/AGÊNCIA O GLOBO

Grupo ligado a Arthur Lira (PP-AL) impõe derrota ao governo Lula, que em nome da governabilidade mantém Juscelino Filho na pasta das Comunicações. O ministro utilizou avião da FAB para fins particulares

Gabriela Rölke

PRAGMATISMO TEMERÁRIO

REPRESENTAÇÃO
Juscelino, o ministro dos cavalos: diárias para participar de inauguração de praça em homenagem ao equino Roxão

Caiu do cavalo quem apostava que o titular das Comunicações, Juscelino Filho (MA), seria apeado do governo por ter utilizado um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) para participar de leilões de cavalos de raça. O ministro segue no cargo, pelo menos por ora. Não que tenha convencido Lula de sua inocência: o presidente foi pragmático – o governo precisa dos votos do União Brasil, partido de Juscelino, para fazer avançar suas pautas no Congresso. Os votos são fundamentais, especialmente para aprovar a Reforma Tributária, uma das principais promessas da equipe econômica do petista. A sigla tem 59 deputados federais e 10 senadores, e se movimenta para formar uma federação e futuramente se fundir com o PP de Artur Lira, presidente da Câmara e prócer do Centrão. Não é pouca coisa.

Como mostrou o jornal O Estado de S. Paulo, o ministro utilizou avião da FAB para voar de Brasília para São Paulo no dia 26 de janeiro, uma sexta-feira, para alguns poucos compromissos oficiais, que foram cumpridos em menos de três horas. Eram reuniões com a diretoria da operadora Claro e com as gerências regionais da Telebrás e da Anatel. Prolongou a estadia até a segunda-feira seguinte, sem agenda oficial – e recebeu diárias, num total de R$ 3 mil, referentes ao final de semana em que prestigiou um leilão de cavalos de raça e a inauguração de uma praça em homenagem ao cavalo Roxão, de propriedade do seu sócio. Juscelino diz estar sendo vítima de "ataques distorcidos", e o caso será submetido à Comissão de Ética Pública da Presidência da República. No ano passado, o ministro, que é aficionado pelos equinos, havia omitido da Justiça Eleitoral um patrimônio de R$ 2 milhões em cavalos de raça. Também pesam contra ele a destinação de verba do orçamento secreto para asfaltar uma estrada em suas fazendas em Vitorino Freire, no interior do Maranhão, e a proximidade excessiva com empresários que têm contratos milionários com a prefeitura do município, comandada por Luanna Bringel, sua irmã.

Ao manter Juscelino no posto, o presidente optou por uma política de

FOTOS: MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES; ROBERTO CASTRO; PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS; EVARISTO SÁ/AFP

SUSPEITA
Daniela do Waguinho: também indicada pelo União Brasil, teria ligações com a milícia

"Hoje o governo não tem base consistente nem na Câmara nem no Senado"
Arthur Lira, presidente da Câmara

redução de danos. Na terça-feira, o ministro foi ao Palácio do Planalto para apresentar sua defesa a Lula. Também participaram da reunião os titulares das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, e da Casa Civil, Rui Costa. Não há como saber ao certo o que ocorreu a portas fechadas, mas o ministro das Comunicações saiu animado do encontro. Por meio de suas redes sociais, falou sobre agendas futuras ao lado de Lula, como a inauguração de um projeto para ampliar o acesso à internet na Região Amazônica.

A avaliação do Planalto é que, no momento, a prioridade deve ser a consolidação da base do governo no Congresso – mesmo com o elevado custo político de manter o ministro no cargo. Mais uma vez, portanto, o pragmatismo do presidencialismo de coalizão se sobrepôs à ala ideológica do PT, representada por Gleisi Hoffmann. A presidente do partido vinha cobrando o afastamento de Juscelino, o que acabou irritando parlamentares do Centrão e também ministros palacianos. No PT, discordâncias públicas como essa não são novidade. Recentemente, Gleisi também criticou publicamente a desoneração sobre combustíveis defendida por Fernando Haddad, ministro da Economia. E no ano passado, a petista também protestou quando Lula iniciou as tratativas para ter como vice em sua chapa Geraldo Alckmin (PSB).

CONEXÕES

Coincidência ou não, são do União Brasil os dois ministros que vêm dando bastante dor de cabeça para o governo. Antes do surgimento dos episódios escandalosos envolvendo o nome de Juscelino Filho, era a ministra do Turismo, Daniela Carneiro, quem dominava o noticiário. Suspeita de ligação com milicianos, ela é mulher do prefeito de Belfort Roxo, conhecido como Waguinho. Em 2018, quando se elegeu deputada federal pelo estado do Rio de Janeiro e foi campeã de votos, teve como cabo eleitoral o ex-policial militar Juracy Alves Prudêncio. Conhecido como Jura, o ex-militar foi condenado por homicídio e apontado como chefe de uma milícia da Baixada Fluminense. De acordo com a assessoria de Daniela, "apoio político não significa que ela (a ministra) compactue com qualquer apoiador que por ventura tenha cometido algum ato ilícito", e que "compete à Justiça julgar quem comete possíveis crimes".

Embora comande três pastas na Esplanada dos Ministérios – o pedetista Waldez Góes é indicação do senador Davi Alcolumbre (União Brasil) –, o partido, que nasceu a partir da fusão entre o Democratas e o PSL, se diz "independente". Depois de confirmar sua permanência no Ministério das Comunicações, Juscelino Filho prometeu que a legenda será uma "grande parceira do governo" nas votações. Mas em evento da Associação Comercial de São Paulo, na terça-feira, Artur Lira fez questão de reforçar que Lula não tem hoje votos suficientes para aprovar seus projetos. "O governo não tem base consistente nem na Câmara nem no Senado", disse. Pelo andar da carruagem, e em nome da "governabilidade", o Centrão vai se manter no centro do poder – e não há sinais de que vá perder o fôlego tão cedo. ■

REALPOLITIK
Padilha: governo avalia que é hora de buscar estabilidade e consolidar a base no Congresso

IDEOLOGIA
Gleisi: a presidente do PT pressionou publicamente pela demissão do ministro das Comunicações

O fim da lista tríplice

Lula anunciou que vai ignorar sugestão de entidade de classe para a definição do próximo procurador-geral da República. De acordo com a Constituição, a indicação é prerrogativa exclusiva do presidente da República **Gabriela Rölke**

CURRÍCULO
O presidente promete indicar "cidadão decente, digno, de muito caráter e respeitado"

O presidente Lula anunciou que não vai respeitar a lista tríplice para escolher o próximo procurador-geral da República (PGR), assim como fez Jair Bolsonaro em 2019 quando escolheu Augusto Aras para o cargo. A notícia causou calafrios na parcela da sociedade que acompanhou com preocupação, nos últimos quatro anos, a questionável atuação de Aras no posto - são inúmeras as situações em que ele teria compactuado com os desmandos do ex-presidente. O PGR é o chefe do Ministério Público Federal (MPF) e representa a instituição perante o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Superior Tribunal de Justiça (STJ), cabendo a ele denunciar o presidente por seus crimes.

Augusto Aras era outsider em 2019, quando os procuradores da República apresentaram a Bolsonaro a lista tríplice formada por Mario Bonsaglia, Luiza Frischeisen e Blal Dalloul. Na época, o então presidente disse que queria um PGR "alinhado" com ele. "Já estou apanhando da mídia. Esse é um bom sinal, de que a indicação nossa é boa", disse ao anunciar a escolha de Aras. Em 2021, o procurador foi reconduzido ao posto, e seu segundo mandato se encerra no início de setembro, quando Lula terá que indicar novo nome.

A forma como Aras vem conduzindo a instituição desde então, vista com desconfiança inclusive no MPF, acabou levantando a discussão sobre a necessidade da lista tríplice para evitar a indicação de um novo PGR comprometido

FOTOS: MATEUS BONOMI /AGIF/AFP; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; LUIS MACEDO

com a blindagem do presidente. Os nomes que a compõem são eleitos pelo conjunto de procuradores da República, por meio de um processo eleitoral organizado pela entidade de classe da categoria, a Associação Nacional de Procuradores da República (ANPR). O aval dos pares, no discurso de quem defende o método, seria uma espécie de selo de qualidade - que atestaria o comprometimento dos três mais votados pela instituição. Por outro lado, há questionamentos sobre a legitimidade da ANPR, espécie de sindicato da categoria, para conduzir o processo eleitoral, visto que a razão de ser da associação é a defesa dos interesses de seus associados.

LIVRE ESCOLHA

A lista tríplice vinha sendo utilizada desde 2003 - ironicamente, tradição iniciada por Lula em seu primeiro mandato. Mas não tem previsão legal. De acordo com a Constituição, a prerrogativa de indicar um nome para o posto é exclusiva do presidente da República - e os critérios a serem observados pelo mandatário são apenas dois: o indicado precisa ser integrante da carreira e ter mais de 35 anos. Lula pode, portanto, fazer sua escolha num universo de 1.129 nomes - há hoje, na ativa, 73 subprocuradores-gerais, 243 procuradores regionais e 813 procuradores da República.

Ao rejeitar a lista triplice, o presidente pretende evitar a repetição do que considera um dos maiores erros do PT - a indicação de Rodrigo Janot para o posto, feita pela presidente Dilma Rousseff em 2013. Mais tarde, sob o comando de Janot, foi gestada a Operação Lava Jato - que quase acabou com o partido e que acabou colocando Lula atrás das grades em 2018. Mesmo assim, a eleição será realizada normalmente, diz o presidente da ANPR, Ubiratan Cazetta. "Continuamos trabalhando com a ideia de que há espaço de convencimento do presidente e da própria sociedade sobre a importância da lista tríplice", diz. Embora o processo eleitoral ainda não tenha sido iniciado, dois nomes já se colocam na disputa: os subprocuradores-gerais Luiza Frischeisen e Mario Bonsaglia - que integraram a lista de 2021. Os dois são reconhecidos, inclusive fora do MP, pelo caráter institucional de seu trabalho nas suas respectivas áreas de atuação. Além disso, contam com o respeito dos pares. Por fora da lista, o subprocurador-geral Antônio Carlos Bigonha ex-presidente da ANPR, tenta se viabilizar junto ao Palácio do Planalto. Teria a simpatia de gente do entorno do presidente, como o procurador aposentado Eugênio Aragão, que foi ministro da Justiça durante o governo Dilma.

Luiza Frischeisen vê com tranquilidade a postura de Lula. "Ele não vai ficar preso à lista, mas pode considerá-la como sugestão de nomes. Ninguém contesta a prerrogativa constitucional do presidente de fazer a indicação para o cargo", diz. Bonsaglia, por sua vez, explica que a lista "é uma contribuição que se oferece de modo transparente e republicano ao processo de escolha presidencial, com debates públicos e exposição de ideias". A escolha do PGR fora da lista é constitucional. Espera-se que Lula também observe os princípios constitucionais da impessoalidade e da moralidade para tomar sua decisão. ■

1 **NO TOPO** Mais votada da lista tríplice em 2021, Luiza Frischeisen está novamente na disputa

2 **NA CORRIDA** Segundo colocado na última lista, Mario Bonsaglia defende legitimidade de processo eleitoral

3 **POR FORA** Antônio Carlos Bigonha não vai disputar a eleição, mas tenta se viabilizar politicamente junto ao Planalto

A volta do MST

EUCALIPTOS Militantes do MST invadem terras da Suzano e destroem parte de sua produção de madeira para celulose

Em pouco mais de dois meses, o movimento sem terra já invadiu quatro vezes mais propriedades do que na gestão anterior: fazendeiros temem o retorno das ameaças aos seus negócios

Pedro Marcondes

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) parecia ter virado a página. A organização, que ganhou destaque pelas ondas de invasão de propriedades rurais, demonstrava uma mudança de estratégia. Trocava o foco de ocupar fazendas à força pela produção nos próprios assentamentos. Ao mesmo tempo em que alardeava recordes nas safras de alimentos, ostentava o título de maior produtor de arroz orgânico da América Latina e levantava milhões de reais no mercado financeiro para subsidiar suas cooperativas, o MST reduzia drasticamente o número de ocupações pelo Brasil. Porém, o fantasma do antigo MST volta a amedrontar setores produtivos. Em apenas uma ação orquestrada na segunda-feira 27, o movimento invadiu quatro propriedades no estado da Bahia. Para efeito de comparação, durante os cem primeiros dias da gestão Jair Bolsonaro, o MST ocupou somente uma fazenda.

Três das quatro áreas invadidas pertencem à multinacional brasileira do ramo de celulose Suzano. Ficam em municípios no extremo sul baiano. Elas geram empregos e produzem, estão destinadas ao cultivo de eucaliptos. Portanto, nem de longe preenchem os requisitos de desapropriação para reforma agrária e colocam em contradição o discurso histórico do próprio MST. A entidade sempre alardeou invadir somente terras irregulares ou improdutivas. Contudo, a desta vez inovou em suas justificativas erráticas. Alegou que aquelas áreas deveriam ser desapropriadas por se destinarem ao cultivo de monocultura. Uma tese controversa, pois, caso venha a nortear ações futuras do movimento, legitimaria a invasão de boa parte das terras do agronegócio.

Diante do alinhamento explícito entre o PT e o MST, entidades empresariais endereçaram recados ao governo. Demonstraram preocupação com as consequências da ocupação das fazendas da Suzano e, sobretudo, com futuras ondas de invasões durante o governo Lula. Alertaram que elas podem impactar os novos investimentos no agronegócio em um momento de retração econômica e criar um clima de conflagração no campo em um país que acabou de sair polarizado das urnas.

Na terça-feira, 7, os militantes do movimento deixaram as propriedades após cumprimento de ordem judicial de reintegração de posse. Resta saber o que virá daqui para frente. Embora João Paulo Rodrigues, coordenador nacional do MST, garanta que as invasões na Bahia foram pontuais e que remontam a acordos antigos descumpridos, declarações de outras lideranças do movimento vão no sentido oposto. Principal rosto do movimento, João Pedro Stédile, por exemplo, prometeu um aumento nas ocupações rurais no caso de vitória de Lula antes mesmo da apuração eleitoral. Representaria, portanto, a volta do antigo e ameaçador MST. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO MST

Foto: Verner Brenan

Sol Pires: Corretora especialista do mercado imobiliário

se destaca e é referência em transformar a vida das pessoas com investimentos inteligentes e rentáveis.

Texto: Daniela Duarte

Assoraeny Pires da Silva, mais conhecida como Sol, tem 42 anos, natural de Recife-PE, empresária, tem se destacado em negócios imobiliários por transformar a vida de milhares de famílias apresentando soluções inteligentes do mercado imobiliário, utilizando o profissionalismo e seriedade.

Toda trajetória de Sol, foi marcada com muita garra e força de vontade, sempre buscando conhecimento para que ela pudesse construir técnicas e uma carreira de sucesso. *"Trabalho há cerca de 29 anos em atendimento ao cliente, sendo os últimos 12 exclusivamente dedicados ao mercado imobiliário". Minha jornada profissional teve início aos 14 anos, quando comecei a trabalhar com a minha família. Na época, ainda não tinha certeza sobre qual carreira seguir, mas sabia a importância do trabalho e da minha vontade de crescer e prosperar na vida",* explicou.

Para chegar nessa referência do mercado imobiliário, Sol se transformou em uma profissional diferenciada, pioneira em usar a tecnologia ativamente no setor, com foco em oferecer a melhor experiência possível aos clientes. *"Iniciei um intercâmbio na Espanha, porém precisei interromper por problemas de saúde de meu pai, acabei perdendo-o e foi o momento mais difícil de toda minha vida, meu pai foi meu grande inspirador, maior mentor e referência profissional como líder. Um índio que estudou e foi funcionário público federal por 23 anos na Funai – Fundação Nacional do Índio. Depois fui estudar inglês no Canadá, fiz uma especialização em gestão de negócios e trabalhando lá para pagar meu curso, percebi que tinha um espírito de liderança e gostava de atender pessoas, trocar experiências",* disse.

PRIMEIRO ENCONTRO COM O MERCADO MOBILIÁRIO.

"Após quase 4 anos no Canadá, decidi voltar para o Brasil para passar um tempo com a família. Foi então que conheci o Mercado Imobiliário e me apaixonei. Senti que era isso que queria fazer pelo resto da minha vida. Comecei como analista com um salário três vezes menor de quando deixei o Brasil, fui promovida a Superintendente de inteligência de Mercado, trabalhei analisando grandes terrenos para compra. Então foi nessa função que decidi pela área imobiliária", explicou

SOL IMÓVEIS SOLUTIONS: UMA EMPRESA QUE PROMOVE SONHOS!

"Em 2018 abri a minha própria empresa - Sol Imóveis Solutions, uma empresa especializada em investimentos imobiliários de alto padrão e luxo onde auxiliamos nossos clientes com a compra e venda de imóveis em lançamento, novos e seminovos, seja para moradia, negócios ou lazer. Oferecemos uma ampla gama de serviços, incluindo consultoria, pesquisas de mercado, projetos personalizados e treinamentos, com o objetivo principal de transformar e inspirar vidas. Estamos comprometidos em oferecer soluções inovadoras e eficazes para nossos clientes e parceiros, e estamos sempre buscando maneiras de melhorar e crescer junto com eles", pontuou.

Sol atua ainda como consultora de negócios e especialista em inteligência de mercado. Além disso, é treinadora, palestrante e membro do Instituto Mulheres do Imobiliário do Brasil na categoria Ametista, composto por uma seleção de proprietárias de imobiliárias de alta performance no setor a nível nacional.

Sobre sua missão de vida, ela explica que é de fato transformar a vida das pessoas através do seu trabalho.

"O meu trabalho é muito mais que abrir portas e imóvel. Aqui tudo é sobre pessoas. Minha missão é inspirar soluções e oferecer uma experiência de excelência no mercado imobiliário brasileiro e internacional, comercializar produtos de alta qualidade, com o compromisso de dar mais transparência nos processos imobiliários com o desenvolvimento sustentável e rentabilidade nos negócios. Hoje me sinto totalmente realizada e motivada", concluiu.

A cizânia do Sul contra o Norte

É falsa a imagem de que somos a fraterna e unida Nação. Na maioria das vezes velada, **existe no País uma xenofobia estrutural**. Quando ela se manifesta, vê-se claramente que há brasileiros que vivem em Estados ricos a **tratar com desprezo e preconceito** outros brasileiros originários ou moradores de regiões pobres

Denise Mirás

São históricas as raízes econômicas e sociais que sustentam preconceitos no Brasil e racham o País como se Norte e Sul fossem territórios inimigos. Na maior parte do tempo invisível, existe uma muralha que se mostra nítida e robusta quando se revelam situações análogas à escravidão, como aquelas dos trabalhadores resgatados em vinícolas de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. O preconceito ficou escancarado

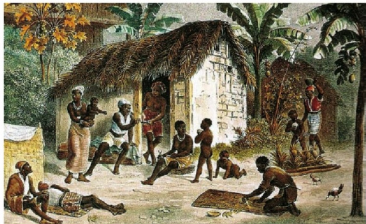
FOTOS: REPRODUÇÃO

SEM RUMO Trabalhadores em situação análoga à escravidão, resgatados por operação policial: à espera de um destino em ginásio de Bento Gonçalves

“(...) os baianos, que a única cultura que têm é viver na praia tocando tambor...” (sic)

Sandro Fantinel, vereador afastado de Caxias do Sul

pela fala de um vereador — no caso Sandro Fantinel, da Câmara Municipal de Caxias do Sul —, destilando ódio livremente contra esses trabalhadores, na maioria nordestinos e baianos, que nas palavras dele têm como “única cultura viver na praia tocando tambor”. Em uma frase, o ex-boia-fria e agora empresário, já notificado do pedido da cassação de seu mandato, estampou o desprezo violento por nortistas, nordestinos e negros. Tal desprezo persiste no País e se mostra cada vez mais explícito.

“Não tenho a menor dúvida de que as condições reveladas nesse caso ainda vêm da estrutura escravocrata”, afirma o antropólogo Roberto DaMatta. “Ali, o trabalhador está sempre à mercê do patrão, devendo e isolado, vivendo por cama e comida. Não tem família perto, nem pai, nem mãe, nem mulher, nem vizinho. Não se estabelece. Parece uma alma do outro mundo.” Sobre o “conselho” do vereador, para que as vinícolas deixassem de empregar baianos e procurassem argentinos (para ele, implici-

SÉCULO XIX Escravos retratados na pintura do alemão Johann Moritz Rugendas, que em 1822, aos 19 anos, esteve com expedição no Brasil

tamente "brancos"), DaMatta aponta um elemento óbvio no preconceito: a repulsa ao diferente.

Nos séculos XVIII e XIX, o Nordeste era o centro econômico do País, com escravizados trabalhando principalmente nas lavouras de cana-de-açúcar. Por causa do ouro, a mão de obra se deslocou para Minas Gerais. Com o fim oficializado da escravatura, o café — mais resistente e valioso — passou pelo Rio de Janeiro, centro demográfico e econômico do Império, mas seguiu para o Vale do Paraíba e o interior de São Paulo, pela altitude e melhor clima para seu cultivo. Assim, o preconceito contra negros e nordestinos foi posto à mesa daqueles que os empregavam e se enxergavam como superiores. Antonio Carlos Jucá de Sampaio, diretor do Instituto de História da UFRJ, destaca a política de Estado pelo "embranquecimento" do País, acentuada com a vinda de imigrantes europeus entre 1940 e 50 para essas lavouras e também para trabalhar com trigo e gado mais ao Sul, "que precisava ser ocupado pelas tantas disputas de terra com Argentina e Paraguai".

RESGATE E REPÚDIO

Na noite de 22 de fevereiro, uma operação policial resgatou dezenas de homens em situação precária de moradia e alimentação, que trabalhavam para vinícolas e sofriam agressões físicas e até ameaças de morte. Foi preso Pedro Augusto Oliveira de Santana, o aliciador de trabalhadores pela empresa Fênix para as vinícolas Aurora, Cooperativa Garibaldi e Salton. Ele pagou fiança e está solto. As vinícolas contratantes da Fênix explicam-se por meio de notas e asseguram que não sabiam da situação dos trabalhadores.

Na repercussão da violência, diversas empresas, instituições e personalidades mostraram repúdio, como a rede Zona Sul, com mais de 40 mercados no Rio de Janeiro, que devolveram produtos da Aurora. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) recomendou em nota que seja averiguada a procedência de vinhos para celebração de missas, de maneira a não

A GUERRA DA SECESSÃO NOS EUA E A NOSSA CORDIALIDADE

Por Antonio Carlos Prado

Em 1936 ocorreu uma revolução na interpretação do comportamento social do brasileiro: em Raízes do Brasil, o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda desenvolve o conceito de "homem cordial". Ao longo do tempo, o próprio autor e demais intelectuais foram aprofundando o seu significado. Se ele nasceu com pinceladas weberianas a explicar a origem do patrimonialismo, sem perder tal originalidade acabou ganhando uma dimensão psicossocial. A explicação definitiva veio do sociólogo, professor, escritor e crítico literário Antonio Candido, para quem há de fato um "fundamento sociológico" no termo "cordialidade".

Sabendo-se que Sérgio Buarque teorizava sobre cordalis (em latim referente a coração), a cordialidade seria formada pela passionalidade explosiva -- para o bem, a amizade; ou para o mal, o preconceito, por exemplo. É com essa segunda qualificação da passionalidade que se explica em parte o sentimento de repulsa que alguns brasileiros da região Sul nutrem em relação a brasileiros das regiões Norte e Nordeste – que, fugindo da miséria, migraram e desceram geograficamente o Brasil para se empregarem como mão de obra barata em seu novo destino. Vê-se a formação de uma nova espécie de casa grande e de uma nova espécie de senzala.

TEORIA Sérgio Buarque: explicação da passionalidade que destrói a democracia racial no Brasil

FOTOS: REPRODUÇÃO; FÁBIO MOTTA/ESTADÃO CONTEÚDO/AE; AP PHOTO

haver dúvidas com relação à ética de sua produção.

Foi "na rebarba da escravatura", como diz DaMatta, e do preconceito contra negros que surgiu a xenofobia contra aqueles que vinham do Norte e Nordeste como mão de obra para o Sudeste e o Sul. "É o caso da eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para muitos, um nordestino ter sucesso é um horror, um acinte. É preciso partir de educação mais sóbria e mais profunda para chegarmos a uma sociedade que entenda: não é inferior aquele que sai de um lugar para outro em busca de trabalho."

SÉCULO XXI Em 2 de março, carvoeiros em situação análoga à de escravizados foram resgatados em bairro de Salvador, na Bahia

Sandro Fantinel, que em 2018 desistiu de se candidatar a deputado federal "para trabalhar única e exclusivamente na campanha do então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro", agora aguarda o destino, depois de alegar "momento de lapso mental" para seu discurso xenofóbico, dizendo que prefere ser cassado a renunciar ao mandato. Em novembro de 2022, a discriminação a nortistas e nordestinos passou a ser considerada crime de racismo, com as mesmas penas previstas, conforme foi decidido pelo STJ. ■

> **"A sociedade precisa entender: não é inferior aquele que sai de um lugar para outro em busca de trabalho. O preconceito surgiu na rebarba da escravatura"**
>
> **Roberto DaMatta**, antropólogo

Se Norte e Nordeste foram decisivos em conquistas políticas, como a Independência e República, aos poucos passaram a ser esquecidos conforme o líder da política nacional se tornou Getúlio Vargas, que era do Sul. Getúlio, vivo e morto, determinou os rumos políticos do País de 1930 até o famigerado golpe militar de 1964 – que, aliás, derrubou da Presidência da República o getulista e gaúcho João Goulart. Com os olhos da elite econômica voltados para o Sul desde a década de 1930, Norte e Nordeste foram se empobrecendo e aí veio a visão preconceituosa, combatida por Josué de Castro em Geografia da fome, de que a culpa pela miséria dos nortistas e nordestinos era do clima e não de governantes. Finalmente, para essa xenofobia regional que acomete alguns indivíduos existe uma sociologia comparada: ao contrário dos EUA, onde Sul e Norte se opuseram abertamente na Guerra da Secessão, deixando claro que a nação se dividia para sempre em termos sociais, culturais, políticos, jurídicos e econômicos, cá no Brasil essa guerra é velada, camuflada em cordialidade na forma de amabilidade, e somente vez ou outra exposta à luz do dia em passionalidade a traduzir preconceito.

CENA Guerra Civil nos EUA: fraturas étnicas, jurídicas, políticas e sociais expostas até hoje desde 1865

Comportamento/Feminicídio

Recorde vergonhoso

No último ano da gestão Bolsonaro, os números de agressões contra elas cresceu: no Brasil, 14 mulheres foram agredidas por minuto

Mirela Luiz

FONTE FÓRUM BRASILEIRO DA SEGURANÇA PÚBLICA

Enraizada de maneira vergonhosa em nossa história, a violência contra mulher obedece a diferentes valores atribuídos culturalmente ao longo de centenas de anos à sociedade brasileira. É um triste legado que precisa ser combatido diariamente. Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que todas as formas de violência contra a mulher apresentaram crescimento acentuado no ano passado. Considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma das cinco melhores leis do mundo de enfrentamento à violência feminina, a lei Maria da Penha foi sancionada em 2006. É um marco para os direitos das mulheres brasileiras, mas que não tem sido suficiente para frear o aumento assustador dos números de casos de agressão no País, que teve mais de 18 milhões de vítimas em 2022.

"Acho importante dizer que o Brasil é um País tradicionalmente violento no que diz respeito às relações interpessoais, especialmente por conta do nosso histórico de escravidão e desigualdade social", afirma Juliana Martins, coordenadora institucional do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segundo o levantamento, uma em cada três brasileiras com mais de 16 anos sofreu violência física e sexual provocada por seu parceiro íntimo ao longo da vida. Mais de 21,5 milhões de mulheres, ou seja, 33,4% da população feminina brasileira passou por algum tipo de agressão. Seja no ambiente de trabalho ou no transporte público, o assédio sexual atingiu recordes inimagináveis.

PERFIL DE EPIDEMIA

Para Jackeline Romio, doutora em demografia da Unicamp e Especialista de Programa no UNFPA LACRO do Fundo de População da ONU, esses números são compatíveis aos de uma epidemia. "A violência baseada em gênero é um desafio global que impacta no desenvolvimento social e econômico das mulheres. Inclusive já há um consenso de que, no Brasil, ela tem dimensões de uma epidemia", diz. Em comparação com levantamentos anteriores, agressões físicas, ofensas sexuais e abusos psicológicos se tornaram ainda mais frequentes na vida das brasileiras. "O fato de a pena ser branda ou grave não influencia na hora de cometer o crime. É uma questão cultural, a mulher é tratada como um patrimônio", avalia o professor de Direitos Humanos da Universidade Estácio de Sá.

Estudo do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) revelou que em 2022 ocorreu a menor alocação orçamentária para o enfrentamento dos crimes contra mulheres em uma década. A gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro abriu espaço para grupos ultraconservadores, que encontraram espaços para florescer. Foi um governo, por exemplo, em que se consolidaram as agressões contra jornalistas, principalmente do gênero feminino.

A socióloga Leandra Brito de Jesus acredita que o Estado tem de ser mais eficiente no acolhimento da vítima, para que ela possa se sentir segura para expor sua realidade e não se sentir constrangida. "É preciso que o delegado entenda e conheça a diversidade de gênero, assim como todos os atores envolvidos", diz. E, ainda que não se possa hierarquizar os traumas provocados por diferentes formas de violência, o fato é que estamos diante de um crescimento agudo dos episódios graves, que podem levar ao feminicídio. Se os números têm o poder de chocar, também podem funcionar como bússola para guiar a ação do Estado, empresas e da sociedade civil, em busca de soluções capazes de garantir a vida e segurança de milhares de brasileiras. ■

FOTO: ISTOCK PHOTO

a páscoa na americanas

do pioneirismo nas parreiras à oferta de 13 milhões de itens

Não há um brasileiro que não lembre da Americanas quando pensa na Páscoa. A enorme variedade de ovos de chocolate pendurados nas parreiras das lojas virou sinônimo do evento em todo o país. Mas quem vê não imagina que, por trás das altas estruturas que sustentam os ovos, existe uma parceria comercial duradoura entre Americanas e Mondelez International, dona da Lacta.

Era início da década de 80, quando um executivo da Lacta visitou uma das unidades da Americanas, com a missão de vender 200 toneladas de ovos de Páscoa para as 54 lojas.

Pensando na otimização de espaço, a Lacta sugeriu a exposição dos produtos pendurados em estruturas erguidas em cima dos corredores. Foi assim que nasceram as famosas parreiras.

E neste ano, centenas de lojas da Americanas espalhadas por todo o Brasil começaram a ser decoradas com parreiras de chocolate logo após o Carnaval. Mais uma vez a Páscoa da Americanas será multicanal, levando comodidade e conveniência para os brasileiros: dá para comprar e receber como e onde quiser, diretamente nas lojas ou no site e app, com a opção de retirar na loja mais próxima.

ATRAÇÃO FATAL

A degradação ecológica mantém tubarões próximos às praias de Pernambuco. Falha-se no monitoramento. Mas por que, quando ele existe, há pessoas que não o respeitam? ***Ana Mosquera e Elba Kriss***

VÍTIMA RECENTE
Apesar das sinalizações, banho de mar vira tragédia: menina teve ferimentos e parte do braço esquerdo amputado

Em julho de 2021, um trecho de praia de Jaboatão dos Guararapes (PE) foi interditado por 15 dias, após ataques de tubarão. Quase dois anos depois, no mesmo lugar, a história se repete: um garoto de 14 anos teve a perna amputada após mordida e uma menina de 15 perdeu parte do braço. "Muitas pessoas pensam que, na região, não vão poder sequer pisar a água. Em alguns trechos não poderão mesmo, como o da Igrejinha de Piedade", alerta Paulo Oliveira, professor e pesquisador do Departamento de Engenharia de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

As investidas estão longe das cinematográficas e, apesar de estarem entre as espécies mais agressivas, os tubarões tigre e cabeça-chata vêm à orla em decorrência de outros fatores: degradação ambiental de seu habitat e a existência de um canal profundo que dá acesso às praias. Enquanto o primeiro tem causa humana, o segundo diz respeito à topografia e não pode ser evitado: "Zonas de canal em áreas de mar aberto são normalmente de alta periculosidade, onde banhistas e surfistas devem ter grande cautela", acrescenta a bióloga marinha Danielle Viana.

> **"Não é culpa do estado, do município, da pessoa ou do tubarão. Temos de trabalhar juntos para uma solução plausível"**
>
> **Paulo Oliveira,** engenheiro de pesca

Desde a década de 1990 foram 77 vítimas na Região Metropolitana de Recife (PE), com 26 óbitos. O cenário se formou dez anos antes, quando a construção do Porto de Suape aterrou manguezais e estuários de desova e alimentação. As ocorrências passaram a inte-

FOTOS: JOÃO CARLOS MAZELLA/FOTOARENA/ESTADÃO CONTEÚDO; REPRODUÇÃO, ISTOCKPHOTOS; JOÃO CARLOS MAZELLA/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

OS PREDADORES QUE ATACARAM NA SEMANA PASSADA

TUBARÃO-TIGRE		CABEÇA-CHATA
9 m	**Tamanho**	3,5 m
900 kg	**Peso**	130 kg
Zonas temperadas e subtropicais	**Onde vive**	Águas tropicais
16 anos	**Expectativa de vida**	12 anos

grar a realidade da população e um trabalho massivo de educação ambiental fez com que os casos caíssem até 2015, quando foi descontinuado. "Só que a educação ambiental tem de ser constante, porque as pessoas chegam e vão, nascem e morrem", pontua o engenheiro de pesca. O controle de atividades que afetam o ecossistema é essencial. Oliveira conta que, no passado, a proibição de matadouros e da pesca de rede foi crucial para o recuo das tragédias: "É preciso retomar o monitoramento para ver se, hoje, existem outros fatores". A bióloga, oceanógrafa e veterinária Renata Gardelin reforça que sim: "Há o porto e construções de moradias ilegais. Temos também o problema do que é enviado ao mar, que não é só esgoto. Muitas indústrias acabam jogando química ali". Além da pesca predatória não fiscalizada, que diminui a oferta de comida para os tubarões, o lixo jogado nos mares contribui para a morte das presas: "Os tubarões são agredidos por toda a poluição".

PRECAUÇÃO
Policiais civis observam a praia e guarda-vidas dá instruções e conversa com banhista: a importância de aprender a separar do lazer o risco de morte

HABITAT ALTERADO

"Os tubarões querem se alimentar e sobreviver", fala Renata. Oliveira esclarece que o ataque está muitas vezes ligado a um comportamento de defesa ou de briga por território: O ser humano não faz parte da dieta do tubarão e o animal não é o "vilão da história", como cita Janaína Bumbeer, doutora em Ciências Marinhas, gerente da Fundação Grupo Boticário e integrante da Liga das Mulheres pelo Oceano: "Ele é um predador de topo, mas está sobrevivendo em um local que foi modificado. Em um ambiente equilibrado, isso não aconteceria".

Mas por que, mesmo com placas e bandeiras, banhistas ainda desrespeitam a sinalização? E, pior, por que alguns pais deixam seus filhos se arriscarem em áreas perigosas? Da mesma maneira que atravessam fora da faixa de pedestre ou se negam a tomar vacinas, algumas pessoas insistem em atacar a cidadania. Em um surto de irresponsabilidade, um homem foi tirado à força do mesmo mar em que horas mais cedo a adolescente havia se machucado. Em fevereiro, um surfista foi mordido na Praia dos Milagres, em Olinda, onde a prática está proibida. Do mesmo modo que a causa do cenário não é uma só, são diversos os atores envolvidos na sua mitigação: "Não é culpa do estado, do município, da pessoa ou do tubarão. Temos de trabalhar juntos para uma solução plausível, sem a eliminação dos tubarões nem a proibição completa do banho de mar. Só dessa forma a gente vai aprender a conviver com isso", diz o pesquisador Oliveira. ■

Comportamento/**Saneamento**

Jardins com filtro

No Recife, tecnologia inovadora despolui água de riacho com mais de sete mil plantas aquáticas. Projeto piloto pode ser replicado em outras cidades

Elba Kriss

AÇÃO AMBIENTAL Solução baseada na natureza torna cidades mais sustentáveis: as raízes se alimentam dos poluentes

A comunidade de Iputinga, em Recife, está em contagem regressiva. Em 31 de março, a cidade celebra a inauguração dos Jardins Filtrantes, instalação que tem a missão de despoluir o Riacho do Cavouco, afluente do rio Capibaribe. O projeto piloto é grandioso e usa a fitorremediação, tecnologia que utiliza plantas para filtrar e limpar a água. A obra pernambucana tem 7 mil m^2 de área e recebeu cerca de R$ 7 milhões em investimentos. Realizada sob responsabilidade da Agência Recife para Inovação e Estratégia, a iniciativa integra uma série de propostas do CITinova, programa multilateral do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Os jardins floridos se encontram no Parque do Caiara e estão em funcionamento: 350 mil litros de água passam pelo sistema de filtragem por dia. Lá, 7,5 mil mudas de macrófitas aquáticas "trabalham" na despoluição sugando efluentes de esgoto. "As raízes das plantas se alimentam do que há de ruim na água", explica a diretora Mariana Pontes. A purificação acontece de forma natural, orgânica e sem aditivos químicos: "Chegamos a 96% de limpeza e isso se nota a olho nu". Testes para aferir o nível da purificação estão em andamento, mas o microclima da região já mudou. "A ideia é mostrar que podemos tornar a cidade resiliente ambientalmente com parques próximos a corpos hídricos que captam e tratam as águas", destaca o engenheiro Renato Martiniano.

A obra foi projetada pela empresa Phytorestore, que atuou na despoluição do rio Sena, em Paris. "O jardim é uma grande barreira verde contra a poluição", frisa Lilian Hengleng, diretora comercial da companhia. "O esgoto é tratado em apenas doze horas. Que isso sirva para inspirar outros municípios." O processo de despoluir o riacho, cuja área era ocupada por um depósito de lixo irregular, é mais do que um avanço da bioengenharia. Tendo Pernambuco como exemplo, o projeto pode ser replicado Brasil afora e se tornar um alento contra as carências do saneamento básico. As informações estarão na plataforma Observatório de Inovação para Cidades Sustentáveis. "É um catálogo de soluções. O intuito é contribuir para que os gestores tenham acesso a esse conhecimento e considerem aplicá-lo no planejamento urbano", observa Fábio Larotonda, secretário substituto da Secretaria de Políticas e Programas Estratégicos do MCTI. "A fitorremediação é uma alternativa que complementa o saneamento". A população de Recife ganha um novo local de lazer onde as plantas não serão apenas belas, mas úteis. ■

CONHECIMENTO Informações compartilhadas: projeto disponível a todos os gestores brasileiros

BIOENGENHARIA

Primeiro jardim filtrante em área pública do Nordeste: plantas para purificar o esgoto

FOTOS: GISELLE CAHÚ - ARIES/CITINOVA

CONHEÇA A HISTÓRIA DO EMPRESÁRIO E MÉDICO DIETER MEDEIROS QUE ATRAVÉS DA TÉCNICA DE TRANSPLANTE E TRATAMENTOS CAPILARES TRANSFORMA A VIDA DAS PESSOAS

Dieter Benaia Carvalho de Medeiros, 31 anos, nascido em João Pessoa, médico, empresário e especialista em transplante capilar tem contribuído na transformação da autoestima das pessoas através do seu trabalho. Desde a adolescência tinha o sonho de ser médico, reside atualmente em Petrolina-PE e viu ali uma terra de oportunidades e prosperidade que o inspirou a se estabelecer na região e hoje, é uma das grandes referências na área de tratamento capilar.

Durante a pandemia, Dieter Medeiros conheceu o mundo do Transplante Capilar e foi em busca de conhecimento e aprendizagem. *"Percebi que o conhecimento técnico é extremamente importante, porém entender que os pontos subjetivos e psicológicos, como autoimagem, confiança, postura, percepção de beleza e naturalidade de fato melhora a vida das pessoas. Trago na comunicação com meus pacientes uma reflexão profunda sobre as razões, benefícios, expectativas, valores e relevância que cuidar de si mesmo é pilar para uma melhora da qualidade de vida"*, disse.

Dieter é referência no mercado de restauração capilar por suas técnicas feitas com qualidade, segurança, preço justo e resultado garantido.

O espírito empreendedor levou o médico a estar sempre à frente das tendências e novidades na área de transplante capilar. *"Empreender dentro da medicina é um grande desafio, somos formados dentro da visão técnica, com raríssimas abordagens sobre gestão, formação de equipe, mercado da saúde e empreendedorismo. Percebi desde cedo em mim uma semente do empreendedorismo, uma vontade de traçar um caminho próprio. Busquei a liberdade, qualidade e autenticidade no que eu faço, na forma que posso participar da vida das pessoas que alcanço e perceber que somente podemos entregar aquilo que temos, me nutrem a vontade de seguir nesse caminho"*, declarou.

Conhecida pela qualidade do procedimento e exclusividade no atendimento, AlphaClinic by Dr Dieter Medeiros se destaca em pouco tempo de mercado com um projeto inovador e com tecnologia de última geração. A Clínica é voltada para tricologia e cirurgia de restauração capilar avançada, se destaca na região do Vale do São Francisco como a única voltada exclusivamente para os cuidados com a saúde capilar e a cirurgia de restauração capilar de homens e mulheres. É uma clínica com técnicas modernas e eficazes de transplante e tratamentos capilares, pioneira na região no transplante capilar de sobrancelhas, no transplante de barba e no transplante capilar para calvície, além dos casos para redução de testa. Todos os procedimentos são realizados com o apoio da tecnologia, segurança e a excelência de profissionais especializados.

Texto: Daniela Duarte

> *"Autocuidado é o maior investimento que as pessoas podem fazer por elas. Minha missão é mostrar as pessoas que melhorar autoestima muda a forma como elas veem o mundo e muda a forma como o mundo as olha! E estou aqui para ajudá-las, através do meu trabalho consigo proporcionar bem-estar, resgatar o sorriso e a autoestima dos pacientes e é isso que me motiva"* concluiu.

Para conhecer mais o trabalho incrível desse empresário/médico acompanhe as redes sociais: @dietermedeiros@alphaclinicdm

Feijão maravilha?

Estudo adverte que a redução do ingrediente na dieta do brasileiro aumentará o risco de obesidade e causará perdas culturais

Ana Mosquera

Um estudo realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) aponta uma mudança radical na dieta dos brasileiros no futuro próximo. A pesquisa aponta que o feijão, um dos ingredientes mais populares da culinária brasileira, deixará de ser consumido regularmente em cerca de dois anos, com consequências negativas para a saúde dos brasileiros e para a própria cultura do País. Aqueles que comem a leguminosa com menos frequência, de três a quatro vezes por semana, têm 10% de chance de ficar com sobrepeso e 20% de atingir a obesidade. Já quem ingere o alimento de cinco a sete dias na semana tem 15% menos possibilidade de se tornar obeso.

Entre os motivos para a redução do feijão estão o aumento dos ultraprocessados e a queda no consumo dos alimentos naturais. O feijão caiu mais de 50% nos últimos dezesseis anos, segundo o IBGE. A falta de tempo para cozinhá-lo também influencia a mudança de hábitos e a pesquisa alerta que, desde o último ano, as mulheres passaram a ingerir os grãos menos de cinco vezes por semana. Natural, dado que as longas jornadas de trabalho são cada vez mais comuns entre o público feminino. "Se a mulher foi para o mercado de trabalho, o homem precisa entrar na cozinha, para que haja uma divisão justa das tarefas não remuneradas", diz a historiadora Adriana Salay.

As variações climáticas afetaram a produção e, assim, o valor do produto. O preço subiu mais de 28% em 2022, ainda de acordo com o IBGE. Outro fato que colaborou para isso foi o desmonte da política de armazenamento e abastecimento interno de alimentos, reduzida desde 2016. "É preciso tirar incentivos da indústria de ultraprocessados e colocar nos alimentos que são bons para o corpo e o campo", diz Adriana. O Ministério da Saúde confirma que o consumo regular do alimento deve diminuir até 2025.

TRADIÇÃO

Ao lado do arroz, o feijão forma a base do prato típico nacional ou, como citou o sociólogo Carlos Alberto Dória, no livro *A Formação da Culinária Brasileira: Escritos Sobre a Cozinha Inzoneira*, a dupla é "o próprio sistema culinário do país". Tirá-lo da mesa está relacionado a perdas culturais e identitárias para o Brasil, que, de Norte a Sul, acostumou-se a comer o grão em sua diversidade, com tantas variedades, formas de preparo, acompanhamentos e temperos. O afastamento da tradição causará a perda de uma habilidade gastronômica que tem raízes históricas, como pontua Fernanda Serra Granado, pesquisadora da Faculdade de Medicina da UFMG. Fora os prejuízos à saúde, devido a seus atributos. "O feijão tem excelente perfil nutricional, com vitaminas C e do complexo B, exceto pela B12, fibras e ferro. Ele faz parte de uma combinação nutricionalmente saudável, para uma refeição balanceada", conclui. "Espero que o feijão continue no nosso prato, não apenas no imaginário", fala a historiadora. ■

NO PRATO Mudança no cardápio: variações climáticas fizeram o preço subir

FOTOS: ISTOCK PHOTOS

Robótica: o futuro pode ser melhor e mais divertido

Alunos do SESI se destacam em competições nacionais e internacionais que conectam milhares de jovens ao mundo da ciência e da tecnologia

APRESENTADO POR:

Jovens que fazem robôs e constroem vidas melhores

COMPETIÇÕES DE ROBÓTICA, CADA VEZ MAIS COMUNS NO BRASIL, TÊM INCENTIVADO CARREIRAS DE SUCESSO DE JOVENS EM TODAS AS REGIÕES

EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA: Equipes de robótica de todo o Brasil participam, com destaque, de vários torneios nacionais e internacionais

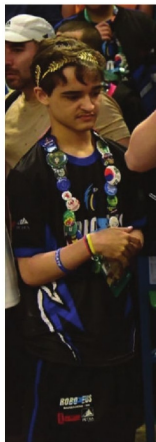
Primeira pessoa da família a ingressar na universidade, Júlia Alves Santos, de 23 anos, pensava em cursar Direito quando estava no ensino médio. Contudo, em 2016, quando teve contato com aulas de robótica, começou a traçar outro destino pessoal e profissional. "A robótica foi a melhor coisa que escolhi fazer no ensino médio. Sem ela, hoje eu estaria num caminho totalmente diferente", conta. Atualmente, ela é estudante do quinto semestre do curso de Engenharia de Energias Renováveis na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A jovem entrou na unidade do Serviço Social da Indústria (SESI) de Sobradinho (DF) no 2º ano do ensino médio. "A robótica me colocou em contato com programação, com engenharia e com pesquisa. Isso abriu meus olhos e decidi fazer engenharia", explica Júlia, filha de pai analfabeto e mãe que estudou até a terceira série do ensino fundamental.

O primeiro projeto desenvolvido pela Bisc8, equipe de Júlia, foi uma casa automatizada para cachorros que ficam a maior parte do tempo sozinhos. Essa experiência despertou nela o gosto pela pesquisa, hoje focada no desenvolvimento de programas para aumentar a eficiência de painéis solares.

FESTIVAL SESI DE ROBÓTICA

Mais do que ensinar conceitos técnicos, as atividades de robótica promovidas pelo SESI por meio de competições entre os estudantes contribuem com o desenvolvimento socioemocional e preparam os jovens para o mercado de trabalho, destaca Rosi Carvalho, presidente do Comitê Nacional de Avaliação e técnica de uma das primeiras equipes de FIRST LEGO League Challenge (FLL) do Brasil, numa escola pública de Canoas (RS). "Tenho certeza de que esses jovens ocuparão espaços em profissões que ainda nem existem", prevê. Isso, segundo ela, porque os projetos sempre têm como objetivo resolver problemas da vida real.

Brasília será a sede do Festival SESI de Robótica 2023, que será realizado no Estádio Nacional Mané Garrinha, de 15 a 18 de março. Os participantes, com idades entre 9 e 18 anos, participarão de qua-

QUEM PARTICIPA DE TORNEIOS DE ROBÓTICA TEM MELHOR DESEMPENHO ESCOLAR

Os competidores tiveram notas 5 pontos maiores em Matemática do que aqueles que não competiram (83 versus 78, em uma escala de 0 a 100).

Em Ciências Humanas e Sociais, os estudantes que participaram do torneio tiraram 84,4, enquanto os não competidores, 80,4.

Obs.: Amostra de 2.500 estudantes comparou as notas em Matemática, Linguagens e Ciências Humanas e Sociais de competidores dos torneios SESI de Robótica FIRST Lego League (FLL) de 2018 e 2019 – edições City Shaper e Into Orbit – e de estudantes que não participaram dessas competições.

"A robótica foi a melhor coisa que escolhi fazer no ensino médio", diz Júlia Alves, estudante de Engenharia de Energias Renováveis na UFPB (segunda da esquerda para a direita)

▼

Fotos: Divulgação

▲
Maria Eduarda, estudante do SESI de Altamira/PA: "Consegui organizar melhor meu tempo para estudar e aprendi a ter mais responsabilidade".

Composta apenas por meninas, a equipe Morvan, do SESI de Guarulhos (SP), estimula a diversidade de gênero nas competições de robótica
▼

tro competições: FIRST Robotics Competition (FRC), com cerca de 45 equipes nacionais e internacionais; FIRST LEGO League (FLL), com 100 equipes; FIRST Tech Challenge (FTC), com 50 equipes; e F1 in Schools, também com 50 equipes.

"O SESI tem como missão discutir, desenvolver e realizar uma educação para o século 21, uma educação transformadora e que resolve problemas. Hoje, a robótica é uma das principais metodologias utilizadas para isso, porque ela desafia os estudantes a não só construírem um robô, mas também a pensarem na sua aplicação e no impacto na sociedade", diz Rafael Lucchesi, diretor-geral do SENAI e diretor-superintendente do SESI. "Tanto as aulas quanto as competições de robótica têm como objetivo despertar nos estudantes o interesse pelas áreas STEM (ciências, tecnologia, engenharia e matemática) e desenvolver as competências socioemocionais", complementa ele.

Integrante da equipe Morvan, do SESI de Guarulhos (SP), Gabrielle Barbosa Oliveira, de 14 anos, acredita que a robótica é mais do que construir robôs. "Significa participar de uma equipe, conhecer pessoas, pesquisar e aprender constantemente. Os valores que a gente carrega e aprende nos transformam em pessoas melhores", diz ela, cuja irmã, Emily, é a atual mentora de sua equipe, composta apenas por meninas. "Programar e construir robôs é uma coisa maravilhosa", afirma Rebeca Heringer Cotulio Lima, de 13 anos, integrante do time.

COMUNICAÇÃO E LIDERANÇA

Estudante do SESI de Altamira (PA), Maria Eduarda de Oliveira, de 13 anos, entrou na equipe de robótica da escola em junho de 2022. Ela explica que a robótica a tem ajudado em vários aspectos, como a comunicação. "Consegui organizar melhor meu tempo para estudar e aprendi a ter mais responsabilidade. Espero que a robótica me ajude a trabalhar na área de design, com a qual mais me identifico hoje", comenta.

Genésio Oliveira, pai de Maria Eduar-

“A robótica desafia os estudantes não só a construírem um robô, mas também a pensarem na sua aplicação e no impacto na sociedade”

Rafael Lucchesi
Diretor superintendente do SESI

da, espera que o conhecimento adquirido pela filha nas atividades de robótica possa ajudá-la no desenvolvimento de projetos que beneficiem a sociedade, como o protótipo de um minigerador de energia de baixo custo elaborado pela RoboFox, equipe da filha. A ideia é que esse minigerador produza energia para comunidades afastadas (indígenas e ribeirinhas). A família de Genésio vem de uma região de nativos da etnia Mariocay.

Ex-aluno do SESI na Bahia, Levi Andrade Santana, de 24 anos, ressalta o objetivo social nos desafios enfrentados pelas equipes durante os torneios. Em 2014, quando competiu, sua equipe desenvolveu um sistema de drenagem para evitar alagamentos em Salvador durante o período de chuvas. Graduado em engenharia elétrica – escolha feita a partir do conhecimento adquirido nas atividades de robótica, em que também atuou como juiz e mentor –, ele afirma que as habilidades relacionadas à gestão desenvolvidas durante a competição são importantes para liderar uma equipe de 30 profissionais na empresa na qual trabalha atualmente.

O diretor de operações do SESI, Paulo Mól, destaca o fato de o Brasil estar sediando, pela primeira vez, uma edição do FIRST Robotics Competition (FRC), considerada a categoria mais complexa entre as competições de robótica da organização For Inspiration and Recognition of Science and Technology. “Com isso, nosso país entra no calendário internacional de torneios regionais da modalidade, que classificam para o mundial de Houston (EUA), nos quais equipes do SESI têm se destacado nos últimos anos”, comemora. Mól explica que a FRC é uma competição basicamente para os alunos do ensino médio que já têm uma conexão muito forte com ciência, tecnologia e engenharias e para aqueles que começam a mostrar pendores muito claros para a área. ■

MAIOR PARTE DE COMPETIDORES ESTUDOU NO SESI

(ORIGEM DAS EQUIPES DE ROBÓTICA)

Origem	%
SESI	**51%**
Escola Privada	*25%*
Escola Pública Municipal	*10%*
Escola Pública Estadual	*4%*
Garagem (independente)	*4%*
ONGS	*4%*
Escola Pública Federal	*2%*

Obs.: Foram entrevistados integrantes de 71 equipes

As armas de guerra de Júlio César

Cientistas descobriram algumas das armadilhas preferidas pelo antigo Império Romano para eliminar inimigos: valas com estacas de madeira e arame farpado

Duda Ventura*

ARSENAL Pesquisadores desenterraram na Alemanha mostras das armas usadas pelo Império Romano (à esq.): estacas de madeira e arame farpado eram usados em fossos para proteger suas fortalezas

Se as armas utilizadas hoje em confrontos se tornam ultrapassadas em questão de meses, no antigo Império Romano as inovações bélicas se transformavam em verdadeiros legados utilizados por séculos – e instrumentos de defesa encontrados na Alemanha comprovam isso. Datados de cerca de 43 d.C. até 110 d.C, as estacas de madeira e o "arame farpado" são os primeiros exemplares preservados encontrados desse modelo de defesa que teria sido usado pelo ditador Júlio César um século antes.

O sistema de defesa revelado por essa descoberta consistia na abertura de valas e galhos afiados escondidos no solo que levariam os inimigos a caírem e serem mortos durante os confrontos. O imperador romano as idealizou para serem utilizadas em batalhas contra seus inimigos gálicos no território da atual França. Os itens encontrados protegiam o acampamento e os fortes de Bad Ems, que foram construídos no norte do Império cerca de 100 anos após a morte de Júlio César.

"Existia uma dificuldade de comunicação nessa época. As notícias demoravam muito para circular", explica Gunter da Costa, historiador formado pela Universidade Estadual de São Paulo. "Mas Julio César era um líder muito carismático. Por isso, ele cativava as pessoas ao seu redor e sua popularidade foi se expandindo, assim como suas técnicas de combate".

Como líder político, Júlio César se destacou pelas medidas sociais tidas como progressistas: além da doação de pão às classes mais baixas, a distribuição de terras foi marcante em seu governo. O modelo econômico baseado na escravidão que vigorava em Roma é um lembrete de que medidas não podem ser analisadas isoladamente. "A população romana em geral o aprovava, mas ele desagradava aos líderes do Senado, que temiam que César tomasse o poder de maneira centralizada", pontua o historiador ao comentar o assassinato do ditador, em 44 a.C.

Os pesquisadores que escavaram o local onde o arame farpado e as estacas estavam enterrados deduzem que, por sua localização, esse sistema estaria instalado também para proteger os romanos que mineravam prata na região. Gunter diz que essa atividade fazia parte de um sistema econômico plural e baseado na obtenção de territórios. "Por ter incorporado vários povos ao seu, cada economia e cultura eram também adicionadas às do Império Romano. A prata era o foco nessa região da Alemanha, mas outros produtos, como feijão, vinhos e azeite, por exemplo, eram explorados também em outras partes". ■

POPULISTA O imperador Julio Cesar era um líder carismático, mas os senadores o desaprovavam

**Estagiária sob supervisão de Thales de Menezes*

FOTOS: ISTOCKPHOTO, FREDERIC AUTH/GOETHE UNIVERSITY, LEEMAGE/AFP

Avanço sobre a diabete

Pesquisadores descobrem um método de diagnosticar a doença pela lágrima – mais rápido, cômodo e seguro

Fernando Lavieri

A Universidade Federal de Goiás acaba de patentear uma invenção que mudará a forma de medir a quantidade de glicose no organismo. Trata-se de um dispositivo chamado biossensor que requer mínima porção de lágrima para averiguar a presença e o nível de açúcar no corpo, diferentemente do método tradicional, em que é obrigatória verificação pelo sangue. O biossensor é feito de papel poroso, espécie de filtro de papel utilizado para coar café. Ele é umidificado com três componentes químicos e o seu formato foi pensado para que lágrima o percorra em linha reta.

AÇUCAR DETECTADO

A melhor maneira de explicar como o dispositivo funciona é imaginar a seguinte cena: uma rua linear e, perto de seu final, duas rotatórias com certo espaço entre elas. É esse o trajeto que a lágrima faz. Ela é colocada no inicio do biossensor e, quando chega ao primeiro circulo, o líquido entra em contato com duas enzimas. A primeira é especifica para detectar a glicose, a segunda é um elemento que muda de cor em contato com a lágrima. Se, devido a impurezas, a mudança de cor não ocorrer após a passagem da lágrima pelo círculo inicial, em havendo glicose a alteração de cor acontecerá na segunda "rotatória".

"A mostra é incolor, mas depois fica com tonalidade azul", explica Ellen Flávia Moreira Gabriel, do Instituto de Química da Universidade Federal de Goiás (IQ/UFG), responsável pelo desenvolvimento do instrumento. O biossensor apresenta dois resultados: quantitativo e qualitativo. Ocorreu variação de cor, existe glicose. "A intensidade da coloração demonstra a taxa de açúcar. Quanto mais azul estiver, maior será a quantidade de glicose na amostra", pontua ela. Demora menos de um minuto para que o biossensor apresente a conclusão.

EXAME A cientista Ellen Flávia em seu laboratório: teste não invasivo

COMO FUNCIONA O BIOSSENSOR

- O dispositivo é feito de papel filtro impregnado com substâncias químicas que detectam a presença de glicose
- A lágrima é composta de água (98%). O açúcar pode estar em outros elementos presentes. Em contato com uma enzima do biossensor, ela muda de cor
- A alteração na coloração pode ter diversos níveis. Quanto mais azul, maior é a probabilidade de a pessoa ser diabética

O Brasil tem cerca de 17 milhões de diabéticos. O método que a maioria deles utiliza para medir a glicose é incômodo e de alto custo financeiro: tem-se de dar uma desagradável picada no dedo. Uma gota de sangue é então submetida ao aparelho que a analisa. Tudo isso custa caro. O biossensor, igualmente preciso, é barato. É normal que muita gente se pergunte como fazer o teste se a pessoa não chorar no momento do exame. A reposta é simples os olhos estão sempre umidificados por lágrimas — não é preciso chorar para que elas apareçam. Assim, basta encostar o biossensor no globo ocular que alguma lágrima vai escorrer sobre ele. ■

FOTOS: CARLOS SIQUEIRA/UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Origem das palavras

Com datas, significados e referências inéditas, Dicionário do Brasil Colonial servirá de base para obras clássicas como o Houaiss

Ana Mosquera

LÉXICO Clotilde Murakawa: pesquisas sobre a perspectiva histórica do idioma

Para conhecer as origens do português coloquial e a evolução da cultura por meio da língua, pesquisadores do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Letras, da Unesp de Araraquara, produziram o Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB). Ele nasceu a partir de pesquisas em bibliotecas, museus e arquivos do Brasil e de Portugal. Com 10.470 verbetes, o acervo digital e gratuito ainda traz informações como datas e contextos em que os termos surgiram, entre os séculos XVI e XVIII. Acostumado a referenciar o uso da palavra ao longo da história, o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa utilizará esse banco de dados e suas edições futuras vão incorporar dados de mais de 700 vocábulos presentes no DHPB.

"Eu chamo de dicionário documental porque todas as definições partiram de textos", diz Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, coordenadora e coautora do DHPB. Ela assumiu o projeto idealizado pela professora Maria Tereza Biderman, que faleceu em 2008. A coleta de informações começa na carta de Pero Vaz de Caminha e vai até escritos de 1808: "O objetivo era reunir um repositório lexical do Período Colonial, que é muito rico do ponto de vista linguístico. Ele servirá para quem for trabalhar com uma perspectiva histórica e cultural do idioma". Para Mayara Almeida, doutora em Linguística e Língua Portuguesa, o DHPB já foi útil para sua tese sobre o vocabulário da escravidão. Esse material também vai abastecer as novas edições do Houaiss. A falta de estudos sobre a influência da escravidão na perspectiva da língua era uma lacuna que começa a ser melhor compreendida. "É importante estudar o tema para não deixar que as pessoas esqueçam esse passado". Por meio do novo estudo, é possível constatar como termos do período surgiram intimamente ligados à inferiorização dos negros escravizados. "O léxico é a testemunha da cultura", afirma Clotilde.

Mauro de Salles Villar, diretor do Instituto Antônio Houaiss e coautor do Grande Dicionário, elogia a datação do material, que organiza a evolução dos termos: "As palavras vão se descascando e você percebe o trajeto até chegarem aos sentidos de hoje em dia." Ele cita outros usos para esse tipo de pesquisa: "Se um autor de novelas está escrevendo uma obra e deseja usar determinada palavra, ele precisa saber se na época em que a produção se passa aquele termo era usado". Villar reconhece a complexidade das pesquisas, uma vez que criar a estrutura para um dicionário exige a leitura de cerca de dois mil livros, ainda mais quando se fala de dicionários como o Houaiss. E vê com bons olhos a aplicação dos dados: "Esse material vai alimentar mecanismos de inteligência artificial e certamente vai fazer o meu trabalho melhor do que eu faço." O estudo da língua, como se vê, mantém um olho no passado, outro no futuro. ■

CONTEXTO CULTURAL

ESCRAVIDÃO
Documentos e obras literárias revelam a animalização e a condição jurídica dos negros na Colônia

MULATO (der. mula)
Surge em anúncios de compra e venda, além de notícias de morte, fuga e alforria de escravos

CABRA (der. cabra)
Apesar de significar "pessoa", refere-se a negros escravizados, não a homens livres

PARDO (der. pardal)
Aparece associado a adjetivos em expressões como pardo-livre, pardo-liberto, pardo-alforriado

FOTO: COMÉRCIO DO JAHU/DIVULGAÇÃO

Gente

por Elba Kriss

Vida de top

Descoberta em 2018, a modelo **Kerolyn Soares** vive uma ascensão meteórica no mundo fashion. A brasileira natural de Naviraí, no Mato Grosso do Sul, foi destaque nas recentes semanas de moda. Em Nova York, nos EUA, brilhou na passarela vestindo marcas como Michael Kors e Brandon Maxwell. Depois, seguiu para Londres, Inglaterra, para mais uma etapa de sua exaustiva agenda. "É uma profissão que exige trabalho árduo. Você tem que batalhar para conseguir espaço", diz à ISTOÉ. A frase é um recado para quem pensa que o ofício é só glamour. "Aprendi que o que há por trás desse mercado é maior do que o público pode ver". A top, que antes da fama foi manicure para ajudar nas despesas da família, não se assusta com a missão. O fato de estar entre as 50 maiores modelos da atualidade — ela figura na lista TOP 50, do Models.com — não diminui seu ritmo, pelo contrário. "Quando entrei nesse ranking, vi que tenho que me desafiar cada vez mais e fazer valer a posição que me deram". Aos 25 anos, a queridinha das grifes compartilha uma lição que assimilou como supermodelo: "Independente de títulos, tenho que levar tudo com leveza e deixar que meu profissionalismo e dedicação falem por si só".

A missão de Otaviano

Apesar do sucesso como apresentador, **Otaviano Costa** não fica parado. Além do programa *OtaLab*, em sexta temporada na internet, ele deseja ir ainda mais longe. "Quero entrar no mundo dos games e dos esportes, porque faz todo o sentido na minha carreira. Fui jogador de vôlei", diz. "Nunca apliquei a minha comunicação no universo dos esportes, mas sei que preciso me estruturar para invadir essa área". Outra empreitada é o cinema: seu projeto *A Missão de Ulisses*, filme em parceria com a Disney. "Imagine só rabiscar algo no papel, daí a Disney compra a ideia e resolve produzir? E ainda te convida para ser protagonista? É a realização de um sonho", comemora. Casado com a atriz Flávia Alessandra, Otaviano faz mistério sobre o elenco. Os dois fazem sucesso nas redes sociais. Com milhões de seguidores, encaram a web com humor – e bloqueiam todos os haters.

O lado bom de ser ator

Três filmes e uma novela são os primeiros projetos de **Bruno Montaleone** para 2023. O ator de 26 anos está no elenco do longa *O Lado Bom de Ser Traída*, da Netflix. A produção do streaming promete sequências picantes, mas não com o galã que tirou o fôlego em *Verdades Secretas II*, da Globo. "Meu personagem não terá cenas desse tipo", garante. Ele participará de outro núcleo da trama, que envolve crimes financeiros e lavagem de dinheiro. "O filme é cheio de desdobramentos", adianta. Enquanto a estreia não acontece, Montaleone foca na preparação para *Amor Perfeito*, próxima trama das 18h da Globo. Para o trabalho, ele precisou reforçar a malhação e definir ainda mais o físico invejável. "Emagreci e tive de retomar as atividades físicas. Foi bom para voltar à ativa e direcionar para o corpo que vejo para o papel, mas nada exagerado", conta. Há mais na agenda do artista, que, fora da TV, também flerta com a música. "Só espero que não enjoem de me ver por aí", avisa.

Generosidade no set

No ar como Dina em *Travessia*, da Globo, **Renata Tobelem** tem ganhado as ruas com sua carismática governanta. Na novela, a funcionária tem poder na casa dos Guerra e liberdade para opinar até na vida dos patrões. "As pessoas falam demais sobre o caráter, a bondade e a paciência dela", diz à ISTOÉ. Renata, que é professora de teatro no Tablado, no Rio de Janeiro, entrega troca de figurinhas com Jade Picon, estreante que recebeu críticas por sua atuação. "No primeiro dia que nos encontramos, mostrei que estava disponível e sem julgamento. Gostaria que fizessem isso com minha filha", comenta. "Muitos militam amor e empatia, mas não se põem no lugar do outro". Para a veterana, a cumplicidade é importante para a evolução do ofício: "Aprendi com os câmeras e os colegas. Um dia, dei um toque para a Jade. Em seguida, a Drica Moraes fez a mesma coisa comigo. Isso se chama generosidade".

A nova Emmanuelle

A atriz francesa ***Noémie Merlant*** *foi escolhida para ser a protagonista da nova versão de Emmanuelle, franquia erótica que fez sucesso entre os anos 1970 e 1990. Aos 34 anos, a bela tem um desafio pela frente: "redefinir a mulher francesa". São as palavras de Audrey Diwan, o diretor do longa, que começa a ser rodado em setembro na China. No filme, a artista encarnará uma jovem na busca pelo prazer. "Imaginamos uma pessoa poderosa que construiu uma armadura para si mesma. Ela se sente sozinha, mas como sair da solidão?", questiona Diwan. Veremos como Noémie vai sair dessa.*

Sucesso para ela, dor de cabeça para ele

Após ganhar as paradas como um hino feminino sobre o amor-próprio, o hit *Flowers*, de Miley Cyrus, pode virar pivô de um processo na Justiça. O ex-marido da estrela, o ator **Liam Hemsworth**, estaria processando a cantora por difamação. A canção não cita nomes, mas o galã garante que a letra faz referência a ele. Nesta semana, após viralizar, ela alcançou a mais de cinco milhões de streams nas plataformas digitais. Segundo a imprensa dos EUA, o rapaz está incomodado com a repercussão negativa que a música causou para sua imagem. Ele teme que o eventual desgaste possa comprometer trabalhos já engatilhados.

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM; DESSA PIRES/DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO INSTAGRAM; RICARDO PENNA/DIVULGAÇÃO; AGENZIA SINTESI/ALAMY/FOTOARENA; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

OPORTUNIDADE O empresário Lucas Fialho viajou pelo mundo trocando sua pontuação nos programas de fidelidade

MERCADO DE MILHAS EM ALTA

Restritos a companhias aéreas e bancos até há pouco tempo, os programas de milhas já são utilizados por 68 milhões de pessoas e chegaram com força ao varejo, seguradoras, locadoras de carros e hotéis

Mirela Luiz

Ganhar viagens, hotéis, produtos ou serviços só com o uso de milhas e pontos tem se tornado uma realidade para muitos brasileiros, que apostam cada vez mais nesses benefícios para economizar ou até garantir uma renda extra. No último trimestre de 2022, o número de pontos e milhas resgatados foi 27,1% superior ao de igual período de 2021 e 55,8% ao de 2019, ano que antecedeu a pandemia, segundo a Associação Brasileira das Empresas do Mercado de Fidelização (ABEMF).

Os programas de fidelidade passaram a atrair cada vez mais empresas, que enxergaram nesse mercado uma importante ferramenta para acompanhar e entender seus clientes, assim como desenvolver um relacionamento mais intenso e próximo a eles. Segundo a ABEMF, 65% dos consumidores priorizam os locais com este tipo de programa, que estão cada vez mais flexíveis em opções de resgate. Já em se tratando de viagens aéreas, as transações chegaram a 22,4 milhões em 2021, crescimento de 35,4% sobre 2020 contra 9% sobre 2019, com projeção de continuar crescendo em 2022 e nos próximos anos.

A jornalista Cristiane Moraes é um exemplo desse interesse crescente. "Utilizo programas de milhagem desde que comecei a viajar a trabalho, em 2006. Já usei para hospedagem em hotel, troquei por massagem no shopping, descontos de compras, roupas, cosméticos", detalha. A publicitária Roberta Lasnaux é outra consumidora

FOTOS: DIVULGAÇÃO; ANDRÉ LESSA

PONTOS ACUMULADOS

138,2	bilhão foi o montante de pontos/milhas emitidos no terceiro trimestre de 2022
54,6%	maior que o registrado no mesmo período de 2021
93,6%	foram recebidas por meio de compras no varejo, indústrias e serviços
6,2%	vieram de passagens áereas

PONTOS RESGATADOS

102	bilhões de pontos/milhas foram resgatados, ou seja, convertidos em produtos ou serviços
27,1%	maior que o registrado no mesmo período de 2021
12,3%	foram utilizados para adquirir produtos e serviços não áereos como ítens para casa, descontos e cashback
86,8%	foram convertidas em passagens áereas

ECONOMIA
A jornalista Cristiane Moraes não perde oportunidade, já trocou seus pontos por viagens, celular, roupas e serviços

voraz dos programas de fidelidade. "Faço praticamente tudo com milhas, desde viagens até compras de itens para minha filha. Estimo que já economizei mais de R$ 200 mil por conta das estratégias de milhas", revela. De tanto utilizar o sistema, ela resolveu empreender e hoje criou o programa Milhas do Bebê, que é direcionado para os pais que gastam fábulas com fraldas, mamadeiras e roupas.

Especialista em milhas aéreas, o empresário Lucas Fialho explica a diferença entre pontos e milhas. "Todos os programas de fidelidade, como os de gasolina e dos bancos, geram pontos. E esses pontos podem ser transferidos para as companhias áreas, transformando-se em milhas. Podemos utilizar esses benefícios tanto para viajar como para vender, porque milhas valem dinheiro."

Segundo Paulo Curro, diretor executivo da ABEMF, o cliente está interessado nos diversos benefícios. "Isso acontece seja para aquisição de produtos e serviços com pontos e milhas, ou para garantir descontos e até o cashback, que ajudam nas contas do dia a dia", conta. Os pontos e milhas emitidos no terceiro trimestre de 2022 atingiram o montante de 138,2 bilhões. Ao todo, foram resgatados 102 bilhões de pontos e milhas, sendo 86,8% convertidos em passagens aéreas. E 13,2% deles foram utilizados para adquirir produtos e serviços.

CAUTELA

Com essa expansão, em 2022 já havia mais de 68 milhões de usuários de programas de fidelidade. Considerando a população brasileira com acesso à internet – que chega a 152 milhões –, a penetração desse mercado no Brasil é de 45%. "Esse número demonstra um avanço significativo do setor que, há alguns anos, registrava uma estimativa média de 20% a 30% de penetração", avalia Curro. Para garantir o bom funcionamento desse mercado, a ABEMF criou um código de autorregulação, com a adesão de dez associadas, as principais empresas do setor no Brasil.

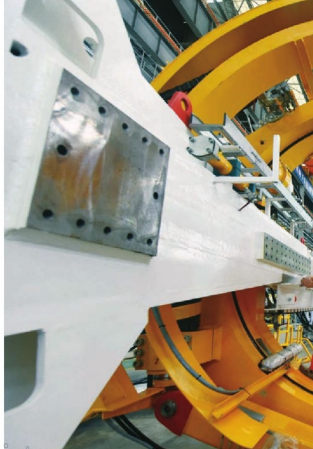
Como em qualquer mercado, no entanto, é necessário ter cautela, porque há regras que variam de empresa para empresa. "É preciso tomar muito cuidado: avaliar onde você está depositando essas milhas e como que vai utilizá-las para não fazer nada em desacordo com as regras desse site ou dessas empresas para não correr risco de perder, às vezes uma bolada em milhas", alerta o economista Ricardo Mello.

O executivo da ABEMF também faz uma ressalva. Desconfie quando a oferta for exageradamente vantajosa. "Quando receber algum aviso de promoção, o cliente deve ir diretamente ao site da empresa ou aplicativo. Os programas de fidelidade têm investido em ótimas promoções, mas é sempre importante ter certeza de que a informação é real", pondera. ■

Retomada chinesa anima o mundo

Depois de amargar os dois piores crescimentos desde a década de 1970, líderes estabelecem a meta de 5% para a alta do PIB do país em 2023. Mas Xi Jinping precisará se voltar ao mercado interno, mudando o modelo de crescimento das últimas décadas

Denise Mirás

Os relatórios mais recentes sobre a economia mundial, como o da agência de risco Fitch, trouxeram uma notícia muito aguardada. A China, motor da economia global nas últimas duas décadas, está voltando a acelerar. Os dados atestaram a possibilidade real da meta para o PIB deste ano no país chegar a 5%, como foi anunciada pelo governo central. A produção foi derrubada nos últimos anos pelos confinamentos obrigatórios da política de Covid Zero, pelo desaquecimento do mercado imobiliário, pelas restrições impostas às bigtechs e pelo aumento do preço do petróleo em meio à guerra na Ucrânia. Entre 1992 e 2022, a média anual de expansão chegou a 8,8%. Em 2020 e 2022, esses números ficaram em 2,2% e 3%, respectivamente, os piores resultados desde 1976. Somente depois de o governo central decidir pelo fim do lockdown, em janeiro passado, o país ganhou fôlego para a retomada econômica, que deve se voltar menos para investimentos governamentais e exportações e mais para o mercado interno, visando ao aumento de renda e de poder de compra doméstico.

A meta de 5% foi classificada de "moderada" pelos dirigentes chineses no domingo, 5, na abertura das Duas Sessões, que anualmente reúnem 3 mil representantes do país e desta vez irão até o dia 13. Mas foi o suficiente para animar os analistas. Para se ter ideia do impacto na economia global dessa índice, dados do FMI atestam que 1% na taxa de crescimento da China resvala para aumento em torno de 0,3% em outros países. Mesmo sendo um dos piores desempenhos em meio século, os 3% de 2021 da China ainda estiveram acima dos 2,1% dos EUA, como observa Rodrigo Amaral, professor de Relações Internacionais da PUC-SP. "Não podemos ignorar que o modelo de crescimento econômico chinês é o mais bem-sucedido do século XXI", afirma. "Mas eles precisarão ir além do manual que lhes é familiar, como os investimentos do governo em infraestrutura e as exportações. Devem

FOTOS: LONG WEI/XINHUA/AFP; PANG XINGLEI/XINHUA/AFP

passar a abordar problemas internos, como o lento crescimento de renda e subconsumo."

De toda forma, o boom que se via nos anos 1990, girando em 10%, não deve se repetir a médio prazo, na opinião de Moises de Souza, especialista em Estudos da Ásia-Pacífico da Universidade Central de Lancashire, no Reino Unido. "Entre o teto e o mínimo, o PIB chinês vai acabar estacionando em uma média de crescimento sustentável que pode ficar em torno desses 5%, projetados principalmente pelo setor de serviços reativado com a abertura de fronteiras." Para ele, a China já vem incentivando o consumo no mercado interno, inclusive de bens sofisticados, por faixas ampliadas da população, o que dará sustentação ao crescimento do país. "Nessa transição de sua economia, a China procura ter mais autonomia em relação a crises globais."

MÃO DUPLA

Professor de Relações Internacionais da UnB, Roberto Goulart Menezes destaca a importância da viagem do presidente Lula à China, que prevê PIB de 5% mesmo com o mundo em guerra, com alimentos e energia caros — "um crescimento alto, comparado à média do G7". Para ele, esse índice impacta globalmente porque significa mais compras por parte dos chineses em vários países, mas no caso do governo brasileiro as conversas deverão girar em torno de uma "mão dupla".

META 'MODERADA' Economia chinesa se reaquece e a meta do PIB para 2023 é de 5%, como foi anunciada na abertura da assembleia anual que reúne 3 mil representantes do país em Pequim (à esq.)

Além da matéria-prima importada pelos chineses — que precisaria ser estendida a mercadorias com alto valor agregado —, Lula deverá tratar de investimentos no setor produtivo (e não apenas instalado, como energia), em apoio à reindustrialização. "Ele não abordará Xi Jinping como 'caixeiro viajante', oferecendo privatizações. A China só tem US$ 22,5 bilhões em estoque de investimentos diretos aqui. É um sexto dos EUA, com US$ 124 bilhões", diz o professor. "Lula pode até conseguir bom ativo político se acertar com os chineses os R$ 3 bilhões da BYD para produção de ônibus elétricos na antiga fábrica da Ford de Camaçari, na Bahia."

Enquanto isso, Xi Jinping pode até acusar os EUA de liderar campanha de "contenção e supressão" da China. Mas, segundo Moises de Souza, ao mesmo tempo em que os dois países mantêm competição e rivalidade geopolítica, terão de trabalhar juntos em questões comuns, como pirataria, terrorismo e mudanças climáticas. "O mundo não tem como ajustar tudo isso sem a participação chinesa e americana." ■

por Felipe Machado

SOCIEDADE

BOND GIRLS Roger Moore, que interpretou 007 nas telas: expressões podem soar ofensivas por leitores modernos

O passado te condena

"O que ele escreveu deveria permanecer como está", diz o biógrafo do criador de James Bond. Seus herdeiros, porém, temem o cancelamento do agente britânico por misoginia e sexismo

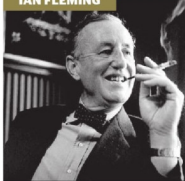
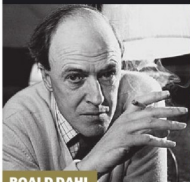
Famosos livros que se tornaram filmes antológicos serão reescritos. Sobre eles pesa a acusação de serem politicamente incorretos nas questões de gênero, na condescendência com a misoginia e escravatura e no desrespeito às características físicas das personagens

A homenagem aos 70 anos de *Cassino Royale*, primeiro livro de Ian Fleming e que apresenta James Bond, será diferente dos eventos aos quais os fãs do personagem estão acostumados. Em vez de uma festa glamourosa, regada a drinques, vilões exóticos e belas mulheres, as famosas "Bond Girls", a data será comemorada de uma maneira politicamente correta. A partir de abril, os doze romances de 007 passarão por uma revisão feita por uma comissão

IAN FLEMING

ROALD DAHL

NO CINEMA *A Fantástica Fábrica de Chocolate:* filme ainda não será atualizado

INFANTIL Palavras mais leves: o termo "gordo", por exemplo, será trocado por "grande"

Obra do escritor britânico passará por revisão em seu país natal, mas a editora francesa já avisou que vai manter as versões originais. O processo de revisão literária não é uma unanimidade

de "leitores sensíveis". Além da suavização das referências machistas, serão retirados comentários raciais e menções preconceituosas sobre etnias de diversos personagens.

O objetivo é adaptar o discurso às novas gerações, evitando um eventual cancelamento do agente secreto. Os responsáveis pelo espólio de Fleming alegam que o autor seria favorável às alterações, uma vez que ele mesmo aceitou trocar um termo racista a pedido do editor americano de *Viva e Deixe Morrer*, publicado em 1964. Não é a opinião de Andrew Lycett, autor de *O Homem que Criou James Bond*. O biógrafo de Fleming diz que a sugestão acatada foi pontual e o autor não aceitaria mudanças: "O que ele escreveu deveria permanecer como está. Não é possível mudar Bond, ele é um protagonista do seu tempo. Ele gosta de mulheres, mas sua abordagem em relação a elas foge das normas culturais de hoje".

As novas edições virão acompanhadas de um aviso: "esse livro foi escrito numa época em que eram comuns expressões e atitudes que poderiam ser considerados ofensivas por leitores modernos. Atualizações foram feitas, mantendo o mais próximo possível do texto original e do período em que foi apresentado." Um comunicado para contextualizar a época em que a obra foi produzida também foi aplicado a um dos maiores clássicos do cinema, *...E o Vento Levou*, de 1939. O filme da HBO Max voltou a ser exibido com um aviso que diz que "a produção nega os horrores da escravidão, bem como seus legados de desigualdade racial". O material inclui ainda dois vídeos, um de Jacqueline Stewart, especialista em arte afro-americana, e outro com o painel *O Complicado Legado de ...E o Ventou Levou*, realizado em 2019. Uma das maiores críticas à produção diz respeito à personagem Mammy, escrava que vive na mansão da protagonista Scarlett O'Hara. Ela é mostrada como alguém que encara a submissão de forma positiva. Pelo papel, a atriz Hattie McDaniel ganhou um Oscar. Após receber a estatueta, ela voltou para o seu assento, em uma área reservada aos negros, nos fundos do teatro, ao lado da cozinha.

Outro autor que passará por um processo revisionista semelhante é Roald Dahl, falecido em 1990. No caso do britânico o problema são os termos que poderiam soar ofensivos a crianças, uma vez que ele é um popular autor infantil. No clássico *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, por exemplo, o termo "gordo" será substituído por "grande". A adaptação de Tim Burton para as telas, no entanto, não será modificada. A editora Puffin UK informou que manterá em catálogo as obras originais. Os leitores, portanto, terão a opção de escolher entre as duas versões. Uma prova de que o assunto está longe de ser unanimidade é que a editora francesa de Dahl anunciou que as mudanças não serão seguidas no país. A empresa manterá as traduções feitas nos anos 1960. Na França, há o "droit d'auteur", legislação que impede a alteração do conteúdo da obra sem a autorização do autor ou dos herdeiros. Pelo jeito, essas revisões ainda terão bons capítulos pela frente. ■

APOIO O barão August van Finck (à esq.), acompanhado do líder alemão, na inauguração do museu bancado por sua família: principal financiador do Terceiro Reich

Dinheiro e morte

Bilionários Nazistas, do holandês David de Jong, expõe a relação de interesses financeiros entre os grandes magnatas alemães e o cruel regime de Adolf Hitler

Felipe Machado

A Segunda Guerra Mundial é, provavelmente, o evento histórico sobre o qual mais se escreveu em todos os tempos. Existem inúmeros relatos das sangrentas batalhas pela Europa, assim como há documentos sobre as atrocidades contra os judeus e as festas pela vitória dos aliados. Há um tema, porém, que sempre permaneceu nas sombras, seja pela dificuldade em obter fontes confiáveis ou pelo receio de envolver conglomerados poderosíssimos. Estamos falando do financiamento privado do nazismo, injeção de dinheiro que tornou mais eficaz a máquina de propaganda de Joseph Goebbels, levando Adolf Hitler ao poder – e o mantendo por lá firme e forte, mesmo após a escalada extremista do regime. Em *Bilionários Nazistas*, livro corajoso e historicamente bem fundamentado, o repórter investigativo holandês David de Jong revela como as dinastias mais ricas da Alemanha acumularam fortunas e poderes incalculáveis graças ao apoio ao Terceiro Reich.

A estratégia era clara: os empresários expropriavam companhias judaicas concorrentes e eram beneficiados com o uso de trabalhadores escravos vindos de países como Ucrânia e Polônia. Em troca, investiam em áreas que abasteciam a guerra, como a indústria automobilística, do aço e do setor químico. De Jong expõe ainda como a conivência dos EUA permitiu que esses bilionários escapassem de seus crimes praticamente sem punição, mantendo-se relevantes até hoje na economia mundial.

A cena de abertura é antológica. Três semanas após Hitler chegar ao cargo de chanceler, doze magnatas alemães são convocados para uma reunião na casa de Hermann Göring, então presidente do Reichtag. Entre os presentes estavam Günther Quandt, produtor têxtil

PARCERIA Casamento de Magda e Joseph Goebbels, ministro da propaganda, juntos com o filho do empresário Günther Quandt: o Führer vem logo atrás, de cartola

FOTOS: REPRODUÇÃO

convertido em proprietário de fábricas de armas, o milionário do aço Friedrich Flick e o barão August von Finck, do setor financeiro, entre outros. Em seu discurso, Hitler argumentou que, ao bancar sua ascensão, estariam "apoiando a si próprios, suas empresas e suas fortunas". Ao final da apresentação, o líder alemão deixou a sala e Göring confessou o motivo do encontro: o partido nazista estava quebrado e precisava de dinheiro. "Essa eleição será a última dos próximos dez anos, talvez até dos próximos cem", afirmou. Todos entenderam o recado. No dia seguinte, 21 de fevereiro de 1933, Joseph Goebbels, cérebro da propaganda nazista, anotou em seu diário: "Göring traz a alegre notícia de que temos três milhões em caixa. Ótimo! O trabalho será divertido, o dinheiro está lá".

É bom ressaltar que, apesar de alguns desses homens serem nazistas de carteirinha, a maioria deles eram empreendedores oportunistas que se tornaram membros do partido por acreditar que seria um bom negócio. A obra também aborda o processo de "desnazificação" de nomes considerados estratégicos pelo governo de Harry Truman, dos EUA. Quando a Guerra Fria começou, em 1947, a prioridade deixou ser a punição dos alemães e passou a ser a promoção da recuperação econômica do país. Os apoiadores mais radicais do nazismo enfrentaram duras condenações em tribunais como o de Nuremberg, mas outros foram beneficiados para ajudar a conter a expansão da influência da União Soviética. Veio então o plano Marshall, do secretário de Estado George C. Marshall, que ajudou a Alemanha com quinze bilhões de dólares. O país logo voltou a ser uma potência e muitas das empresas que apoiaram Hitler foram perdoadas definitivamente. ■

Música

MELODIA
Ludovico Einaudi: solos de piano em arranjos minimalistas

Entre o clássico e o pop

O pianista italiano Ludovico Einaudi tem mais audiência na internet que Mozart e Beethoven. Suas belas melodias conquistam fãs de todas as gerações

Felipe Machado

Esqueça nomes como Mozart e Beethoven: o compositor erudito mais popular da atualidade, de acordo com a audiência nas plataformas digitais, é o italiano Ludovico Einaudi. Popular por suas trilhas sonoras e solos de piano, o músico de 68 anos, nascido em Turim, é um verdadeiro fenômeno da era digital. Estudou música no Conservatório de Verdi e, mais tarde, fez aulas com o maestro Karlheinz Stockhausen. O estilo que viria a desenvolver, no entanto, não poderia ser mais diferente que o de seu mestre. Enquanto o alemão desbravava a vanguarda da música experimental, Einaudi apostou no minimalismo de simples e belas melodias. O sucesso veio de maneira arrebatadora, com concertos lotados, parcerias com grandes orquestras, como a britânica Royal Liverpool Philharmonic, e um público composto por fãs de diversas gerações. O músico, que lança o álbum *Underwater*, está no Brasil pela primeira vez para apresentações no Rio de Janeiro e São Paulo. Einaudi conversou com **ISTOÉ** sobre sua carreira.

Sua formação surgiu com a música clássica, mas os álbuns fazem sucesso também entre o público que gosta de pop. Qual é o segredo?
Difícil dizer, pois sou um apaixonado por todos os estilos. Não tenho intenção de classificar a minha música, busco sempre combinar diversos elementos.
Esse repertório brilha na internet. Seu vídeo tocando com um fã no aeroporto viralizou e alcançou milhões de seguidores.
Fiquei sabendo. Sei que hoje isso é importante, mas não tenho nenhum interesse pessoal nas redes sociais.
De onde veio a ideia de se dedicar apenas à música instrumental?
Nunca senti necessidade de incluir vocais nas composições. Eu "canto" com o meu piano. Acho que, assim, consigo atingir mais gente, uma vez que não preciso traduzir letras de um país para o outro. Temas como o amor ou a guerra levam o público a determinadas imagens, enquanto canções instrumentais podem ser compreendidas e apreciadas por todos.
Quem é seu compositor favorito?
Johann Sebastian Bach.
Já pensou em gravar sua versão para as *Variações Goldberg*?
Nunca, pois acho que teria de dedicar muito tempo. Já existem belas versões eternizadas por outros pianistas. ■

FOTO: RAY TARANTINO

EM CASA
The Edge e Bono: passeio com Dave Letterman pelas ruas de Dublin

ROCK

U2: álbum novo e documentário

Irlandeses lançam *Songs of Surrender*, com releituras de antigos hits, e filme no streaming sobre as origens da banda

Afastado dos palcos desde 2019, quando a turnê mundial do álbum *Songs of Experience* chegou ao fim, o U2 se prepara para voltar à cena em múltiplas plataformas. No dia 17 de março será lançada a terceira parte da trilogia que teve início com *Songs of Innocence*, em 2014: o disco *Songs of Surrender* traz releituras de hits como *Pride (In the Name of Love)* e *Beautiful Day*. O repertório inclui as mesmas quarenta canções abordadas pelo vocalista Bono na biografia *Surrender*, onde o astro do rock revê a trajetória da banda e revela a importância das relações pessoais para o sucesso do U2. Como parte dessa *blitzkrieg* midiática, chega ao streaming da Disney+ o documentário *Bono & The Edge: A Sort of Homecoming*, onde a dupla recebe o apresentador Dave Letterman em Dublin, sua cidade natal, e fala sobre a parceria que os une há 45 anos. Além da visita a locais que remetem à origem do grupo, o filme traz um show realizado em um icônico teatro local. A cereja do bolo entre as novidades é a temporada de shows no MSG Sphere, em Las Vegas, onde apresentarão na íntegra o álbum *Acthung Baby*, de 1991. Com capacidade para 17 mil pessoas, a arena tem tecnologia 4D e o maior telão do mundo, com definição de 16k. "Estamos preparados para levar a experiência de shows ao vivo a um nível inédito", informou o U2, em comunicado.

BATERISTA ESTÁ FORA DOS SHOWS

Larry Mullen Jr., baterista e fundador do U2, passou por uma cirurgia ortopédica e não acompanhará os colegas na temporada que o grupo fará em Las Vegas. Os shows vão marcar a inauguração do MSG Sphere, que será a arena mais moderna do mundo. Larry será substituído por Bram van den Berg, baterista da banda holandesa Krezip. "Nosso companheiro se juntou a nós para dar as boas-vindas a Bram", informou o U2 no anúncio oficial.

PARA LER

Como manter uma boa relação com os filhos ao longo da vida? Com base em estudos e experiências em campo, a pedagoga e educadora Carolina Delboni responde a essa e outras questões em ***Desafios da Adolescência na Contemporaneidade***. Prefácio de Rosely Saião.

PARA VER

Uma das séries mais premiadas do streaming está de volta: estreou na AppleTV+ a terceira temporada de ***Ted Lasso***, comédia criada e estrelada por Jason Sudeikis (acima, à esq.) sobre um técnico de futebol fictício na Inglaterra.

PARA OUVIR

"Redescobrir o amor" é o que a cantora **Monica Casagrande** pretende fazer nas letras de seu novo EP, *Encruza Miramar*. O disco traz cinco faixas produzidas por Alexandre Elias e o primeiro videoclipe, *Amar é a Revolução*, já está no ar.

FOTOS: GENYA SAVILOV/AFP; MARK METCALFE/GETTY IMAGES ASIAPAC/GETTY IMAGES/AFP; REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO; HELOISA BORTZ; JOÃO CALDAS; SILVIA MACHADO

por Felipe Machado

ARTE

Livros raros no Museu Ema Klabin

Aberta ao público desde 2007, a casa abriga mais de 1.700 obras em São Paulo, coleção que inclui pinturas de Frans Post, Marc Chagall e Tarsila do Amaral, além do belo jardim projetado por Burle Marx. A partir de maio, sediará a exposição de livros raros ***O Dito e o Não Dito: De Gutenberg a Zuckerberg***. Entre os destaques estarão as primeiras edições de Platão (1513), Dante e Tucídides (1502). O curador da mostra, Paulo de Freitas Costa, destaca ainda o *Atlas de Blaeu* (1648-1655), com 594 mapas e mais de três milhas de texto.

MUSICAL

O furacão Dercy Gonçalves

A atriz Grace Gianoukas encara o papel de sua vida em ***Nasci para ser Dercy***, apresentação com direção de Kiko Rieser no Teatro Opus Frei Caneca, em São Paulo. Narra a história da jovem que saiu de Santa Maria Madalena, pequena cidade no interior do Rio de Janeiro, para trabalhar em uma companhia de circo mambembe. Com seu jeito divertido e sem papas na língua, Dercy logo se tornou um dos nomes mais importantes da comédia brasileira. A voz em off que conduz o enredo é de Miguel Falabella, que atua como narrador.

TEATRO

Monólogo com Mel Lisboa

A atriz gaúcha retorna ao palco em São Paulo com a peça ***Madame Blavatsky – Amores Ocultos***, que estréia no Teatro Vivo. Com dramaturgia de Claudia Barral e direção de Marcio Macena, o texto solo criado por Plínio Marcos em 1985 apresenta a misteriosa figura de Helena Petrovna Blavátskaya, escritora russa famosa por seus estudos que combinavam filosofia e religião. "A personagem influenciou milhares de pessoas em todo o mundo, de políticos a artistas", diz Macena.

SHOW

Um espetáculo em família

O multiartista **Antonio Nóbrega** celebra seus 71 anos de vida e mais de meio século em atividade ao lado da esposa, Rosane Almeida, e dos filhos Maira Eugênia e Gabriel, líder da banda Silibrina. O espetáculo *Setenta + Um*, em cartaz até 19/3, no Sesc Belenzinho, em São Paulo, reúne a talentosa família em números de toda a carreira do patriarca, desde a época em que integrava o Movimento Armorial, grupo cuja proposta era criar uma música de câmara brasileira de raízes populares.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

OS DIAMANTES DE MICHELLE

Toda profissão tem sua parcela de corruptos, a gente sabe. Mas porque o dinheiro parece fácil e, principalmente, não parece ter dono, a categoria política bate recordes quando o assunto é a corrupção.

E isso acontece no mundo todo, não apenas no Brasil.

A diferença é que, em algumas culturas, a corrupção acaba por dar orgulho ao cidadão.

Sim! Orgulho mesmo.

Explico.

No Japão, o exemplo mais extremo, um político corrupto desmascarado pode até cometer suicídio em público e, de maneira sombria, essa atitude dá ao povo japonês uma certa altivez silenciosa, percebe?

Afinal, mostra para todo o mundo como são um povo honrado. Para eles a corrupção é tão moralmente condenável, que o japonês ladrão não consegue sequer continuar convivendo com sua vergonha.

Coisa linda, mas incompreensível para nós latinos, não?

A corrupção mundial, também não acontece desde o tempo recente, é óbvio.

No Brasil, permeou toda nossa História: monarquia, República, ditadura, enfim, séculos de assalto aos nossos cofres.

Há registros de corrupção desde a exportação do pau-brasil, durante a colonização, até mesmo na escravidão. Racismo e corrupção combinados. Só a gente para pensar em diversidade larapia.

O ridículo é que somos tão ingênuos, que tratamos cada governo como se fosse o responsável por inventar essa prática.

Só que apesar de universal e atemporal, nossa pátria tem duas peculiaridades quando o assunto é a roubalheira política.

A primeira são as consequências para aqueles que são pegos com a boca na botija. Nenhuma, basicamente.

Quando finalmente presos, devidamente condenados e encarcerados, acabam sendo tornozelados e passam para prisão domiciliar, que é outro nome para soltura.

Nós, cidadãos, de novo ingenuamente, imaginamos que um dia isso vai mudar.

Não vai, amigo.

Aconteça o que acontecer, corruptos serão sempre soltos.

Desconfio que seja porque, por mais que a gente fique revoltado com esses criminosos, no fundo mitificamos a malandragem. Então o fato do corrupto ter sido descoberto já é suficiente punição para nós.

E vida que segue.

Mas tem a outra característica exclusiva da corrupção tupiniquim: o mau gosto.

Ah, compatriota, nesse item a gente brilha no mundo.

Nossos corruptos nos envergonham mundialmente, não apenas pelo ato, mas também pela mediocridade do que fazem com o dinheiro roubado.

Entucham a bufunfa em paredes e colchões; escondem nas contas em paraísos ficais; compram imóveis medíocres, bolsinhas, aneizinhos, carrinhos, tudo porcaria.

Se um corrupto francês compra um vinhedo em Bordeaux; se um corrupto italiano compra uma vila na Costa Amalfitana; os nossos compram um sitiozinho com pedalinhos.

Uma vergonha.

E pior. Como roubam durante toda sua carreira, enchem os bolsos de dinheiro, mas continuam trabalhando em suas salinhas com paredes de fórmica e almoçando nas suas churrascarias patéticas.

A corrupção permeou a nossa história, da monarquia aos dias atuais. Séculos e séculos de assalto aos nossos bolsos

Por isso é importante que Michelle receba seus diamantes.

Aquilo sim é roubalheira de qualidade.

Michelle precisa receber seus diamantes para servir de exemplo para a próxima geração de corruptos, percebe?

Porque quase nada muda ou vai mudar.

Vamos continuar nos surpreendendo, toda vez que aparece um político ladrão.

Vamos continuar achando que foi o bandido da vez quem inventou a corrupção.

Vamos continuar acreditando que, agora que o sujeito foi preso, tudo vai mudar.

Somos assim. Somos bobinhos.

Mas as joias da coroa Michelle são um fio de esperança porque mudam o patamar estético da roubalheira.

Quem sabe nossos próximos canalhas aprendam que podem sonhar com conquistas muito mais ambiciosas e elegantes.

Aí sim, finalmente, teremos orgulho de nossos corruptos.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista